

Ano XXV | 366 | Fevereiro 2026

Evento em Goiânia reúne jovens, startups e especialistas e reforça Goiás como referência em inovação e tecnologia para o agro

Criação de codornas cresce como alternativa de renda no campo e ganha reforço com novo treinamento do Senar Goiás



FAEG
SENAR
IFAG
SINDICATO RURAL

Faeg esclarece dúvidas sobre uso de capacete no campo e regras para a moradia de trabalhadores rurais nas propriedades

IV Encontro Mulheres em Campo



TEMOS UM ENCONTRO MARCADO...
21 DE MAIO - GOIÂNIA

Realização:



Apoio:



Palavra do Presidente

Inovação, conhecimento e oportunidades no campo

O agronegócio brasileiro vive um período de profundas transformações. Se por um lado o setor segue consolidado como um dos principais motores da economia nacional, por outro, o campo se reinventa constantemente para responder a novos desafios. Inovação tecnológica, formação de novas lideranças, sustentabilidade e acesso a mercados cada vez mais exigentes fazem parte de uma agenda que redefine a forma de produzir, gerir e pensar o futuro do agro.

É nesse cenário que a matéria de capa desta edição da Revista Campo apresenta um retrato desse movimento de transformação. O AgroStartup Summit, realizado em Goiânia, reuniu centenas de jovens, empreendedores e especialistas para discutir soluções tecnológicas aplicadas ao campo. Mais do que um encontro sobre inovação, o evento evidenciou algo fundamental, que o futuro do agronegócio passa, necessariamente, pela capacidade de integrar conhecimento, tecnologia e protagonismo juvenil.

O encontro também reforça o papel de Goiás como um ambiente fértil para o desenvolvimento de soluções voltadas ao agro. Startups, instituições e produtores vêm construindo, de forma cada vez mais articulada, um ecossistema capaz de aproximar as demandas reais das propriedades rurais das novas tecnologias.

Outro aspecto importante abordado nesta edição é a abertura de novas oportunidades para o produtor rural além das fronteiras nacionais. A reportagem sobre o AgroBR mostra como o programa tem contribuído para preparar produtores e agroindústrias para o mercado internacional.

Também apresentamos exemplos de como novas oportunidades surgem dentro das próprias propriedades rurais. A matéria sobre a co-

turnicultura revela o potencial da criação de codornas como alternativa produtiva para pequenas propriedades. Com ciclo produtivo curto, investimento relativamente acessível e crescente demanda de mercado, a atividade tem se consolidado como fonte de renda e diversificação para produtores familiares.

Ao mesmo tempo, o ambiente de produção exige atenção constante às mudanças no cenário institucional e econômico. Em nossa Prosa Rural, fazemos uma análise dos impactos da reforma tributária para o agronegócio brasileiro. O novo modelo de tributação sobre o consumo traz avanços institucionais importantes, mas também exige planejamento técnico e adaptação por parte de produtores e empresas do setor.

É a oportunidade de esclarecermos dúvidas que têm circulado entre produtores rurais, especialmente nas redes sociais, sobre normas relacionadas ao uso de capacete no campo e à cessão de moradia para trabalhadores nas propriedades. Informações precisas e orientação jurídica são fundamentais para evitar interpretações equivocadas e garantir segurança na gestão das atividades rurais.

Mais do que produzir alimentos, o campo brasileiro hoje também produz conhecimento, tecnologia e oportunidades. E é justamente essa combinação entre tradição e inovação que permite ao setor seguir avançando e contribuindo de forma decisiva para o desenvolvimento do país. Boa leitura.



José Mário Schreiner
Presidente do Sistema Faeg/Senar

CAMPO

A revista Campo é uma publicação da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (FAEG) e do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR Goiás), produzida pela Gerência de Comunicação Integrada do Sistema FAEG com distribuição gratuita aos seus associados. Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores.

Conselho editorial: Eduardo Veras, Ailton José Vilela, Armando Leite Rollemberg Neto, Claudinei Rigonatto, Dirceu Borges.

Diretor Técnico: Leonnardo Furquim.

Diretora de Comunicação: Michelly Mancinelli.

Edição e revisão: Fernando Dantas e Renan Rigo.

Reportagem: Alexandra Lacerda, Fernando Dantas, Leo Cunha, Renan Rigo e Revana Oliveira.

Fotografia: André Costa.

Diagramação: Isabele Barbosa.

Foto da capa: Silvio Simões.

Fotos do Painel Central: André Costa, divulgação, Silvio Simões.

Tiragem: 5.000 exemplares.

Comercial: (62) 3096-2124 | (62) 3096-2200.

DIRETORIA FAEG

Presidente: José Mário Schreiner.

Vice-presidentes: Eduardo Veras de Araújo e Enio Jaime Fernandes Júnior.

Vice-presidentes Institucionais: Ailton José Vilela e Henrique Marques de Almeida. José Vitor Caixeta Ramos (in memoriam).

Vice-presidentes Administrativos: Armando Leite Rollemberg Neto e Eliene Ferreira da Silva. Suplentes: Henrique Marques de Almeida, Evandro Vilela Barros, Arthur Traldi Chiari, Margaret Alves Irineu, Washington Luiz de Paulo, João Pedro Braollos, Marcelo Rodrigues Godinho.

Conselho Fiscal: Dulio César de Sousa, José Carlos de Oliveira, Marcos Antônio Alves Capanema, Rinaldo Tomazini Filho, Vinicius Correia de Oliveira.

Suplentes: Watson Arantes Gama, Fernando Guedes Pereira, Hedgar de Jean e Helen, Carlos Donisete Carneiro de Oliveira, Marcio Arlei Dierings.

Delegados Representantes: Walter Vieira de Rezende e José Renato Chiari.

Suplentes: Nilson Fogolin e José Fava Neto.

CONSELHO ADMINISTRATIVO SENAR

Presidente: José Mário Schreiner.

Superintendente: Dirceu Borges.

Titulares: José Mario Schreiner, Daniel Klüppel Carrara, Orlando Luiz da Silva, Osvaldo Moreira Guimarães e Maurício Sulino Pinto.

Suplentes: Geovando Vieira Pereira, Eduardo Veras de Araújo, Eleandro Borges da Silva, Arthur Oscar Vaz de Almeida Filho e Dionísio Gomes Dias.

Conselho Fiscal: Wildson Cabral Santos, Marcus Vinícius Rodrigues Souza Lino e Sandra Pereira de Faria.

Suplentes: Rômulo Divino Gonzaga de Menezes, César Savini Neto e Dalila dos Santos Gonçalves.

Conselho Consultivo: Thomas David Taylor Peixoto, Nivaldo dos Santos, Pedro Leonardo de Paula Rezende, Roselene de Queiroz Chaves, Marcos Gomes da Cunha e Valéria Cavalcante da Silva Souza.

Suplentes: Antônio Carlos de Souza Lima Neto, Pedro Henrique Machado Paim, Elcio Perpétuo Guimarães, Cláudio Fernandes Cardoso e Francisco Alves Barbosa.

Sistema Faeg Senar

Rua 87 nº 708, Setor Sul. CEP: 74.093-300

Goiânia - Goiás

Contato Faeg: (62) 3096-2200 faeg@sistemafaeg.com.br

Contato Senar: (62) 3412-2700 senar@senar-go.com.br |

comunicacao@senar-go.com.br

Para receber a Revista Campo envie o endereço da entrega com nome do destinatário para nosso e-mail.

Acesse:



sistemafaeg.com.br



@SistemaFaeg



sistemafaeg



senar/ar-go



sistemafaeg



SistemaFaeg



sistemafaeg



sistemafaeg.com.br/faeg/podcasts

Painel Central



Coturnicultura

Criação de codornas cresce no campo e ganha reforço com treinamento do Senar Goiás, que capacita produtores para transformar a atividade em oportunidade de renda

24



Legislação Rural

Faeg esclarece dúvidas sobre uso de capacete no campo e regras legais para cessão de moradia a trabalhadores nas propriedades

28



Caso de Sucesso

Com apoio do Senar Goiás, produtor de Abadiânia aprimora a gestão e transforma o doce de banana em sucesso de mercado

16



Prosa Rural

Economista e gerente técnico do Grupo Técnico e Econômico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), Edson Novaes

12

06 Porteira Aberta

08 Sistema em Ação

10 Opinião

11 Ação Sindical

30 Mercado Internacional

33 Mitos e Verdades

34 Info Senar

37 Receitas do Campo

38 Dica de Vó



Senar Responde

Instrutor do Senar Goiás tira dúvida sobre de água do arroz nas plantas

32

Capa



Realizado em Goiânia, o AgroStartup Summit reuniu cerca de 550 jovens em uma imersão voltada à tecnologia, empreendedorismo e soluções práticas para o campo. O encontro reforçou o protagonismo das AgTechs e o crescimento do ecossistema de startups no estado, marcando ainda o lançamento do Desafio Agro Startup 2026 e destacando o papel da juventude na integração entre inteligência artificial, produção rural e sustentabilidade. Com debates sobre inovação, saúde mental e liderança no campo, Goiás se consolida como polo estratégico do agro 5.0.

18

Amaranthus palmeri



Seab/Adapar

Praga quarentenária com alto potencial de impacto sobre as lavouras de soja, o *Amaranthus palmeri* teve sua presença detectada recentemente na região de

São José do Rio Preto, em São Paulo. Mato Grosso e Mato Grosso do Sul já tinham casos confirmados de caruru-palmeri ou caruru-gigante, como também é conhecida a planta invasora. Diante desse cenário, a Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) intensificou a atuação dos fiscais estaduais agropecuários no campo, reforçando as inspeções fitossanitárias como medida preventiva para impedir a entrada e disseminação da espécie em Goiás. A principal forma de disseminação ocorre por meio de máquinas e implementos agrícolas contaminados, além da mistura com outras sementes. Diante desse cenário, os produtores devem adotar medidas preventivas como a higienização rigorosa de equipamentos, a utilização de sementes certificadas e o reforço da vigilância nas áreas de cultivo.

Brucelose



Agrodefesa

Goiás avança no fortalecimento das ações de prevenção e controle da brucelose bovina. Em 2025, a cobertura contra a doença atingiu 79,89% dos animais em idade vacinal no Estado, o melhor resultado dos últimos cinco anos. Os dados foram compilados pela Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa) a partir das declarações realizadas pelos produtores no Sistema de Defesa Agropecuária de Goiás (Sidago). A vacinação é fundamental para controlar essa zoonose grave, proteger a saúde humana, evitar prejuízos econômicos com abortos e infertilidade, e garantir a movimentação legal dos animais. A vacinação contra a brucelose é obrigatória para todas as fêmeas bovinas e bubalinas entre 3 e 8 meses de idade, utilizando a vacina B19. A vacina RB51 pode ser utilizada como alternativa somente em bovinos, a critério do produtor. Em propriedades com casos confirmados de brucelose, os animais reagentes devem ser eliminados e o leite da propriedade não poderá ser comercializado até a retirada desses animais.

Prêmio

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) está com as inscrições do Prêmio Brasil Artesanal (PBA) 2026 abertas. A iniciativa é voltada aos produtores de azeite de oliva, cachaça de alambique e doce de leite. O Prêmio Brasil Artesanal tem como foco estimular a qualificação da produção, o aperfeiçoamento dos processos produtivos e a agregação de valor aos produtos, além de ampliar a visibilidade de pequenos e médios produtores. As inscrições variam de acordo com cada categoria e serão realizadas entre março e abril. Em todos os concursos do Prêmio Brasil Artesanal, os cinco primeiros colocados recebem certificado, premiação em dinheiro e divulgação nos canais digitais e redes sociais.

Saiba mais



CNA

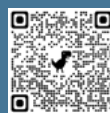
PAA Leite 2026



Rafael Correia/Seapa

O Governo de Goiás, por meio do Goiás Social e da Secretaria de Estado de Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa), publicou no dia 11 de fevereiro o Edital de Chamamento Público do Programa de Aquisição de Alimentos do Estado de Goiás, com recorte para a cadeia leiteira, referente ao PAA Leite 2026. A iniciativa é direcionada a organizações associativas ou cooperativas da agricultura familiar produtoras de leite, com abrangência nos 246 municípios goianos, e atende às diretrizes estaduais de apoio ao setor e de promoção da segurança alimentar. Com investimento de R\$ 5 milhões para esta edição, o PAA Leite 2026 prevê a aquisição do leite destinado a unidades receptoras e a famílias em situação de insegurança alimentar e nutricional. A execução ocorre a partir da formalização de contratos com as organizações habilitadas, respeitando o cronograma estabelecido e as normas operacionais, conforme os critérios do programa apresentados no edital.

Acesse o
edital



Agro Centro-Oeste Familiar



Divulgação/Instagram

Foi lançada oficialmente, no dia 27 de fevereiro, em Goiânia, a 23ª edição da Agro Centro-Oeste Familiar (Acof 2026). O tema da feira deste ano é "Mulher agricultora: o protagonismo da agricultura familiar é seu". A solenidade reuniu mais de 40 instituições parceiras que atuarão na realização do evento, considerado a maior feira da agricultura familiar da Região Centro-Oeste e uma das maiores do País. A Acof será realizada de 17 a 20 de junho, no Centro de Cultura e Eventos da Universidade Federal de Goiás (UFG).



Divulgação/Instagram

Reforma Tributária

A Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) realizou, no dia 23 de fevereiro, o evento "Desafios da Implementação da Reforma Tributária para o Agro", com transmissão ao vivo para os sindicatos rurais de todo o estado. A iniciativa teve como objetivo esclarecer dúvidas e orientar produtores rurais diante das mudanças previstas no novo modelo tributário. A abertura foi conduzida pelo presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, que destacou o compromisso da entidade em apoiar o produtor rural neste momento de transição. O evento contou com palestras de especialistas que abordaram diferentes perspectivas sobre o tema. Participaram o economista e coordenador do Núcleo Econômico da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), Renato Conchon; a secretária geral OAB Goiás, Talita Hayasaky; o conselheiro do Conselho Regional de Contabilidade de Goiás (CRC-GO), Fernando Willians Witicovski; e a se-



André Costa/Faeg

cretária adjunta da Secretaria de Estado da Economia de Goiás, Renata Lacerda.

Assista ao vídeo



Para registro



Divulgação

“Esse debate é essencial para ampliar o entendimento sobre as mudanças no sistema tributário e seus impactos no campo. A reforma já está em vigor e demanda atenção do setor produtivo. Nossa missão é levar essas informações até a ponta, para quem precisa.”

José Mário Schreiner, presidente do Sistema Faeg/Senar



Divulgação

“A CNA atuou na fase de regulamentação, com envio de sugestões relacionadas ao diferimento de insumos agropecuários e ao conceito de produto agropecuário in natura. A reforma tributária representa uma mudança de paradigmas, tanto para profissionais da contabilidade e do direito quanto para o produtor rural.”

Renato Conchon, coordenador do Núcleo Econômico da CNA

Comunicação



Reprodução

O Senar Goiás é destaque nacional na 6ª edição do Concurso de Vídeos Educativos promovido pelo Sistema

CNA, reafirmando seu protagonismo na produção de conteúdo técnico de qualidade para o campo. Em meio a 887 materiais enviados de diversas partes do país, nas categorias Assistência Técnica e Gerencial, Formação Profissional Rural e Promoção Social, os profissionais goianos conquistaram reconhecimento unindo conhecimento prático e inovação. Foram premiados Karina Maraschi Pereira,

na categoria Assistência Técnica e Gerencial, com o vídeo Higienização de perfis hidropônicos; Andriéli Santos Silva, na Promoção Social, com Sucessão rural; e Rodrigo Fernandes de Souza, na Formação Profissional Rural, com Acidez do solo e calagem. O resultado reforça a excelência do Senar Goiás na difusão de boas práticas e na capacitação que transforma a realidade do campo.

Taxa do Agro

Sistema Faeg/Senar/Ifag



O Governo de Goiás enviou à Assembleia Legislativa proposta para revogar a contribuição ao Fundo Estadual de Infraestrutura (Fundefra), conhecida como “taxa do agro”, medida que atende a uma demanda apresentada pela Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg), por meio

de seu presidente, José Mário Schreiner. Nas últimas semanas, Schreiner manteve reuniões com o governador Ronaldo Caiado, nas quais apresentou dados técnicos e os impactos da cobrança sobre a competitividade do setor agropecuário goiano. O anúncio do fim da taxa foi feito no dia 18 de fevereiro, na retomada dos trabalhos legislativos, e a Faeg iniciou articulação junto aos deputados estaduais para viabilizar a aprovação da revogação. Na mesma ocasião, o governo também anunciou o envio de projeto de lei para remissão de multas aplicadas a mais de 10 mil produtores rurais por transporte interno de animais sem notas fiscais anexadas às Guias de Trânsito Animal (GTAs) e Termos de Trânsito Animal (TTAs), penalidades que a entidade vinha contestando sob o argumento de que as operações internas de comercialização de gado são isentas de ICMS. Segundo a Faeg, as decisões representam um avanço para o setor produtivo e refletem o diálogo estabelecido entre o governo estadual e a representação do agro em Goiás.

UACs

O presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner, e o superintendente do Senar Goiás, Dirceu Borges, estiveram em Santa Helena de Goiás e Indiara, no dia 10 de fevereiro, onde realizaram o lançamento das pedras fundamentais das Unidades Avançadas de Capacitação (UACs) do Senar Goiás. As UACs são espaços pensados para levar qualificação profissional, conhecimento técnico e inovação diretamente ao produtor e ao trabalhador rural, fortalecendo o agro na base, onde tudo começa. Representam mais acesso à capacitação, mais oportunidades e mais desenvolvimento para as regiões.



Divulgação

Feira do Produtor



Divulgação

O Senar Goiás apoiou a reativação de Feira do Produtor Rural em Itapirapuã. A iniciativa fortalece pequenos produtores e mostra como parcerias institucionais podem transformar produção em renda no interior. Realizada no espaço da feira coberta, a iniciativa voltou a acontecer após a entrega de barracas pelo Senar Goiás e a mobilização do Sindicato Rural de Itapirapuã, que também promove capacitações voltadas à agregação de valor na pequena propriedade. A reativação partiu da demanda de produtores rurais de menor porte, que buscavam uma alternativa para comercializar diretamente seus produtos. Por meio do Sistema Faeg/Senar, foram disponibilizadas dez barracas para estruturar o espaço, garantindo organização e melhores condições de trabalho aos feirantes. Paralelamente, o sindicato oferece cursos e orientações técnicas que capacitam os produtores a diversificar e qualificar seus produtos, desde derivados do leite até horticultura e fruticultura. Além do sindicato e do Senar, a prefeitura contribui com infraestrutura, como cessão do espaço e apoio logístico, fortalecendo a parceria entre entidades públicas e representativas do setor produtivo.

O educador como protagonista: a força dos embaixadores Agrinho em Goiás



Rafael Rosa

é gerente de Educação
Formal do Senar Goiás

O Programa Agrinho, prestigiada iniciativa de educação socioambiental do Senar Goiás, consolida-se como uma rede estratégica de cooperação entre o Sistema Faeg/Senar/Ifag, as Secretarias de Educação e diversas instituições de ensino. Mais do que um concurso escolar, o programa fomenta práticas pedagógicas que integram o conhecimento científico a temas de urgência social, cultural e ambiental. O objetivo central é promover uma mudança efetiva de hábitos e atitudes, preparando as novas gerações para os desafios da contemporaneidade com ética e responsabilidade.

Sob o lema "Saber e Atuar para Melhorar o Mundo", a 17ª edição do programa propõe uma reflexão profunda com o tema "Sementes do Bem: cultivando saúde para mente, corpo e comunidade". Para que essa mensagem transponha os muros das escolas e alcance a ponta — o aluno, sua família e o entorno social —, o programa estabelece como pilar fundamental a formação contínua de seus agentes educacionais. Nesse cenário, os Encontros Regionais Embaixadores Agrinho surgem como o elo vital dessa corrente, levando capacitação de excelência a todas as regiões do estado de Goiás.

Ao planejar cinco grandes encontros para os meses de fevereiro e março de 2026, sediados estrategicamente nos municípios de Anápolis, Flores de Goiás, Goianésia, Itapuranga e Jataí, o Senar Goiás projeta impactar diretamente mais de 650 educadores. A relevância desses eventos reside na transformação do professor, do coordenador e do diretor em verdadeiros embaixadores e agentes de transformação. Por meio de palestras como "Saúde como elemento fundamental nos processos da vida" e "Agrinho com sentido: da ação

isolada ao projeto com impacto pedagógico", os profissionais são equipados com ferramentas para atuar de forma sistêmica.

Essas capacitações oferecem o suporte necessário para que a instituição de ensino colabore ativamente com a saúde mental, física e coletiva da comunidade. A visão de planejamento pedagógico apresentada visa, sobretudo, otimizar esforços: ao transformar ações isoladas em projetos estruturados, cria-se um ambiente de trabalho mais leve e organizado, gerando resultados superiores com menor desgaste emocional para o corpo docente.

Além do conteúdo técnico, os Encontros Regionais funcionam como um importante hub de integração e oportunidades. Durante as reuniões, os participantes são formalmente convidados a integrar o 2º Encontro de Educação no Campo, evento que dará continuidade na formação dos Embaixadores Agrinho, com grandes nomes da educação nacional. Há, ainda, um forte incentivo para que os educadores explorem as diversas trilhas de aprendizagem na Plataforma EAD do Senar Goiás, que disponibiliza formações específicas do Programa Agrinho e os novos cursos de saúde lançados no mês de fevereiro (Educação Postural no Campo; Prevenção de Diabetes e Hipertensão; Doenças Transmissíveis).

Valorizar e formar quem difunde o saber é reconhecer que a mudança cultural de uma nação passa, invariavelmente, pelas mãos de seus professores. Ao investir na qualificação desses profissionais, o Senar Goiás não apenas transmite conteúdo, mas cultiva cidadãos conscientes. O impacto dessa formação transborda os limites geográficos, semeando um estado de Goiás mais produtivo, saudável e em plena harmonia com o meio ambiente.

Ação Sindical

Britânia e Aruanã Programa Lendo e Escrevendo



Wagner Marchesi - Presidente

Divulgação

O Sindicato Rural de Britânia e Aruanã e o Senar Goiás realizaram, no município de Britânia, o curso Programa Lendo e Escrevendo com o Senar Goiás, com a participação de 20 alunos. A iniciativa teve como objetivo promover a alfabetização de jovens, adultos e idosos do meio rural, contribuindo para o desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e interpretação, essenciais para o cotidiano e para a ampliação das oportunidades no campo. O programa foi desenvolvido especialmente para atender trabalhadores e moradores da zona rural que não tiveram acesso à alfabetização na idade adequada ou que desejam aprimorar seus conhecimentos. A proposta pedagógica utiliza conteúdos práticos e próximos da realidade dos participantes, permitindo que o aprendizado seja aplicado em atividades do dia a dia, como leitura de documentos, anotações, cálculos simples e organização das tarefas na propriedade.

Itumbiara Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas



Gilson da Silva - Presidente

Divulgação

O Sindicato Rural de Itumbiara e o Senar Goiás realizaram o curso de Operação e Manutenção de Tratores Agrícolas no município, voltado à qualificação de trabalhadores e produtores rurais que atuam diretamente nas atividades mecanizadas do campo. A capacitação tem como objetivo ensinar, de forma teórica e prática, o funcionamento dos tratores agrícolas, além de orientar sobre técnicas corretas de operação, manutenção preventiva e cuidados com os equipamentos. Durante o curso, os participantes aprendem sobre regulagem, identificação de componentes, verificação de sistemas e práticas seguras de condução das máquinas, conhecimentos essenciais para garantir eficiência no trabalho e evitar acidentes. A formação também contribui para aumentar a vida útil dos equipamentos, reduzir custos com manutenção e melhorar o desempenho das atividades agrícolas.

PARCERIA NO CAMPO COMEÇA COM CONFIANÇA.



ATENDIMENTO
ESPECIALIZADO



CONDIÇÕES
EXCLUSIVAS



ASSISTÊNCIA
TÉCNICA COMPLETA



A JORLAN ACOMPANHA O PRODUTOR RURAL EM CADA TRAJETO, OFERECENDO VEÍCULOS ROBUSTOS, ATENDIMENTO ESPECIALIZADO E SUPORTE COMPLETO PARA QUEM VIVE DO CAMPO.

Escaneie
o QR Code e
saiba mais!



JORLAN 

 62 4004-1618



chevroletjorlan.com.br/go

Reforma tributária e o agro brasileiro: entre avanços institucionais e o desafio da adaptação no campo



Edson Novaes

é economista e gerente técnico do Grupo Técnico e Econômico da Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg)

Alexandra Lacerda | alexandra.larceda@senar-go.com.br

Com início da transição em 2026, o novo modelo baseado em IBS (Imposto sobre Bens e Serviços) e CBS (Contribuição sobre Bens e Serviços) redesenha a tributação sobre o consumo no país. No agronegócio, a atuação de entidades, como Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) e Federações estaduais, caso da Faeg, garantiu tratamento diferenciado para produtores, preservando competitividade, mas exigindo planejamento técnico e contábil para a nova realidade fiscal. A Emenda Constitucional 132/2023 e a

Lei Complementar 214/2025 trazem transformações estruturais no sistema de tributos sobre consumo (como ICMS, PIS/Cofins) que terão impacto no setor agropecuário (produção agrícola, pecuária e agronegócio). Tributos atuais como PIS, Cofins, IPI e ICMS serão substituídos gradualmente pelo Imposto sobre Bens e Serviços (IBS) e pela Contribuição sobre Bens e Serviços (CBS). Essa transição deve ser concluída no ano de 2033 quando serão totalmente extintos o ICMS, ISS, IPI, PIS e Cofins e passará a vigorar o IBS e a CBS em uma única

legislação unificada.

A CNA, juntamente com a Faeg e demais Federações e Sindicatos Rurais Patronais de todo o país, colaborou ativamente para que a reforma tivesse o menor impacto possível sobre o agro brasileiro. O trabalho técnico e de articulação política contribuiu para a inclusão de medidas como isenção para alimentos da cesta básica, regime diferenciado para pequenos produtores com faturamento anual de até R\$ 3,6 milhões e mecanismos de crédito que preservam a competitividade da produção rural.



Divulgação/Faeg

Paralelamente, o Sistema CNA tem promovido debates, capacitações e materiais explicativos para orientar produtores e lideranças sobre as novas regras e o período de transição. O economista e gerente técnico do Grupo Técnico e Econômico da Faeg (Getec), Edson Novaes, acompanhou todo o processo junto a CNA e hoje desenvolve um trabalho junto aos Sindicatos Rurais do estado sanando dúvidas sobre o tema. Nesta entrevista, ele responde às principais dúvidas sobre o impacto da reforma tributária para setor rural. Confira!

1 Quais atividades do setor rural serão mais impactadas com o novo modelo de tributação?

Através do trabalho das entidades do sistema patronal rural (CNA, Federações de Agricultura e Sindicatos Rurais), a maior parte dos produtores agropecuários ou foram isentos, ou não foram obrigados a optar ao novo regime tributário (CBS e IBS), ou tiveram alíquotas reduzidas. No Estado de Goiás, segundo dados da Receita Federal do Brasil com dados de 2023, apenas 5.606 produtores rurais são obrigados a aderir ao regime do IBS e CBS. Isso representa 3,6% das 172 mil propriedades rurais segundo dados do Censo Agropecuário 2017. Todos os produtores rurais com faturamento até R\$ 3,6 milhões/ano não são contribuintes do IBS e CBS. Produtores de hortícolas, flores, frutas e ovos terão alíquota reduzida em 100%. Também haverá redução de 60% na alíquota base do IBS e CBS, para produtos aquícolas, pesqueiros, florestais e extrativista in natura e para insumos agropecuários, aquícolas e alimentos destinados ao consumo humano. Também haverá redução em 100% para produtos da cesta básica e redução de 60% para outros produtos como queijos e uma outra cesta de alimentos que foram definidos em Lei Complementar. Também foi conseguido um tratamento diferenciado para as cooperativas, para biocombustíveis, a não cobrança do Imposto Seletivo (também chamado Imposto do Pecado) sobre os produtos do agro, como herbicidas, pesticidas, dentre outros e também a não cobrança do IPVA sobre aeronaves de pulverização, tratores e máquinas agrícolas. Então, de forma em geral, a grande maioria das atividades agropecuárias foram contempladas com a não obrigatoriedade de entrar no novo regime, com a isenção e com desconto na alíquota base. Alíquota está que ainda será definida por Resolução do Senado Federal.

2 Quais setores do setor agropecuário, que hoje são isentos de impostos, terão que pagar os novos impostos (CBS e IBS)?

Atualmente vários segmentos do setor agropecuário de Goiás possuem algum benefício fiscal, em específico no que diz respeito ao ICMS. Seja através de isenção, crédito outorga-

do, crédito presumido ou redução de base de cálculo na alíquota de ICMS, tanto para operações internas quanto para operações interestaduais. No âmbito do PIS/Cofins, determinadas cadeias produtivas como grãos, carnes, leite in natura, insumos agropecuários tem tratamento diferenciado. No caso do IPI, em regra geral, a atividade agropecuária primária não é contribuinte, pois não realiza operação industrial. E no caso do ISS, em regra, não há um regime especial amplo de ISS para o setor agropecuário, porque a maior parte da atividade rural não configura prestação de serviços, mas sim produção e comercialização de bens. No caso específico do ICMS, vários produtos agropecuários comercializados por produtores rurais nas operações internas, ou seja, dentro do Estado, são isentas do pagamento do ICMS na saída dos seus produtos. Em outras palavras, no momento da comercialização do produtor, esses produtos são isentos de ICMS para as operações internas. Mesmo sendo isento de ICMS na saída interna da comercialização dos seus produtos agropecuários, não significa dizer que o produtor é isento de impostos. Porque mesmo sendo isento na saída, ele paga os impostos que estão na estrutura de custos dos insumos que ele adquire e que na grande maioria das vezes, não consegue passar para os preços dos produtos que comercializa. Então, como ele não aproveita os créditos correspondentes aos impostos que estão inseridos na estrutura de custos dos insumos que ele adquire, ele acaba incorporando os custos destes impostos. Já no novo sistema (IBS e CBS), o produtor rural, mesmo que não seja obrigado a entrar no novo regime, ele pode aderir e aproveitar esses créditos e verificar, se confrontando esses créditos na entrada com o que irá pagar na saída de IBS e CBS, se seria mais lucrativo para ele pagar menos do que pagaria se absorvesse os créditos dos custos dos impostos na entrada dos seus insumos.

3 Quando começa e qual o período de transição do novo modelo? E quando o produtor rural começará a pagar o novo imposto?

O período de transição do atual regi-

me para o novo regime tributário (IBS e CBS) inicia em 2026 e se estende até o ano de 2033, quando teremos a extinção total do ICMS, ISS, IPI, PIS e Cofins. O ano de 2026 é um ano de teste do novo regime, onde a receita federal e as receitas estaduais estão se preparando para as adequações estruturais e operacionais para atender a nova legislação. Então, em 2026, as únicas obrigações que os produtores rurais terão é fazer o ajuste no sistema de emissão do documento fiscal, ou seja, destacar, a partir de 1º de janeiro de 2026 na Nota Fiscal, o percentual de 0,1% do IBS e 0,9% do CBS, não gerando cobrança de tributos; depois criar o CNPJ alfanumérico. No entanto, o produtor rural não precisa se preocupar e ir na Junta Comercial e criar um CNPJ, onde a Receita Federal, irá criar por ofício o CNPJ Alfanumérico para cada produtor. Os números de CNPJ já existentes não sofrerão nenhuma alteração, ou seja, que já está inscrito no CNPJ permanecerá com o seu número válido. O produtor continuará como pessoa física, mesmo com o CNPJ Alfanumérico. A partir de 2027, o produtor começa a pagar de forma gradual o novo imposto (IBS e CBS), onde serão extintos o PIS e o Cofins. Sendo estendido até o ano de 2033, quando teremos a extinção total do ICMS e ISS, e passa a vigorar apenas o IBS e o CBS.

4 Com relação à criação do CNPJ, o produtor rural tem que obrigatoriamente criar em 2026? Ele perderá as características de produtor rural Pessoa Física? O que ele tem que fazer para criar o CNPJ? O sistema para a criação do CNPJ já está disponível?

Todos os produtores deverão ter um CNPJ alfanumérico. No entanto, o produtor rural não precisa se preocupar e ir na Junta Comercial e criar um CNPJ, onde a Receita Federal irá criar por ofício, o CNPJ Alfanumérico para cada produtor. O produtor continuará como pessoa física, mesmo com o CNPJ Alfanumérico. A data prevista para que seja atribuído o CNPJ Alfanumérico para os produtores está previsto para a partir de 1º de julho de 2026.

5 Como será o novo procedimento de emissão de nota fiscal que o produtor rural deverá seguir com a criação do CNPJ?

Serão os mesmos procedimentos como pessoa física. Não muda nada. O produtor rural continuará emitindo a sua nota fiscal como produtor pessoa física. O que muda é que na Nota Fiscal terá os campos da CBS e do IBS da qual, a partir de 2027 deverá ser iniciado o pagamento, de forma gradual até o ano de 2033, quando então será cobrado de forma plena as alíquotas do IBS e CBS, para os produtores que forem obrigados e para os que aderirem ao novo sistema. No caso da Secretaria de Economia do Estado de Goiás, a Nota Fiscal Eletrônica já consta os campos para teste da IBS e CBS.

6 Como o produtor rural pode saber se ele é considerado ou não contribuinte obrigatório do novo sistema tributário da CBS e IBS?

Não estão obrigados ao novo regime da CBS e IBS, todos os produtores, independente da atividade agropecuária, que faturaram até R\$ 3,6 milhões/ano, considerado o faturamento do ano anterior. Também tem redução de 100% na alíquota base da CBS e IBS, os produtos que constam na cesta básica e também todos os produtores de hortícolas, flores, frutas e ovos. No entanto, apesar de não serem obrigados ao novo regime, os produtores podem aderir, para principalmente aproveitarem os créditos de ICMS que tem em relação aos insumos que adquire. Mas para isso precisa fazer as contas. Organizar todos os seus documentos de compra e venda e verificar se no novo sistema, irá pagar menos, considerando os créditos das entradas e os pagamentos das saídas, de tal modo que o pagamento final for inferior aos créditos que tem para receber. Para isso, a CNA criou uma calculadora, com simulação baseada na Emenda Constitucional nº 132/2023 e na Lei Complementar nº 214/2025, na qual o produtor ou seu contador pode entrar no site da entidade, se cadastrar e utilizar a calculadora, que funciona como uma ferramenta para auxiliar o produtor, a estimar através das informações preenchidas por ele ou pelo seu contador, se ao final compensa ao produtor, mesmo não sendo obrigado ao novo regime, aderir ou não.

“
O período de
transição do
atual regime
para o novo
regime tributário
(IBS e CBS) inicia
em 2026 e se
estende até o
ano de 2033,
quando teremos
a extinção total
do ICMS, ISS, IPI,
PIS e Cofins. O
ano de 2026 é
um ano de teste
do novo regime
”



Divulgação/Faeg

Depois de preenchidas todas as etapas solicitadas pela calculadora, ela mesmo ao final, estima o resultado, demonstrando se compensa ou não o produtor aderir ao programa.

7 No caso do novo modelo de tributação, há diferenças para contratos de arrendamento, parceria rural e integração, quanto ao pagamento do novo imposto?

Sim. Passará a incidir IBS e CBS sobre as receitas de arrendamento. Pessoa Física proprietária de terra se torna contribuinte obrigatório do IBS e CBS sobre arrendamentos rurais se atender cumulativamente dois requisitos no ano calendário anterior. Primeiro, ter recebido mais de R\$ 240 mil em receita bruta de arrendamentos; e segundo, ter arrendado mais de três imóveis distintos. Então, o produtor que estiver de forma conjunta nesses dois critérios, terá que pagar o IBS e CBS sobre o arrendamento. No caso da parceria rural é um instrumento jurídico pelo qual duas partes, geralmente o proprietário da terra e o parceiro produtor, ajustam a exploração conjunta de atividade agropecuária, com partilha de riscos e de resultados. Diferentemente do arrendamento rural, na parceria, o parceiro outorgante não recebe um valor fixo, mensal ou anual. A remuneração ocorre por percentual da produção ou do resultado econômico, onde ambos assumem os riscos da atividade (climáticos, produtivos e de mercado). Nesse caso, os pro-

dutores que fazem parte da parceria podem ou não ser obrigados ao novo regime da CBS e IBS. Aí tem que seguir as condicionantes da obrigatoriedade ou das isenções e descontos na alíquota base. Já no caso da integração, essa atividade não foi excluída da CBS e da IBS, mas terá um tratamento diferenciado para o produtor rural, que pode alcançar também o integrado, dependendo da sua estrutura jurídica e de faturamento. A Regulamentação Infralegal é que definirá o tratamento operacional de forma detalhada. O ponto central da integração no novo modelo da CBS e do IBS será a qualificação jurídica da remuneração. Pois, se o produtor integrado for tratado como fornecimento de bem agropecuário e se a legislação entender que há entrega de produto agropecuário, então pode haver aplicação do regime favorecido do produtor rural pessoa física, onde a integradora poderá tomar crédito, caso o produtor deseje aderir ao sistema da CBS e IBS. Ou eventualmente o produtor pode não recolher CBS/IBS diretamente se encaixar abaixo do limite da receita bruta anual de R\$ 3,6 milhões. No entanto, se o produtor for considerado prestador de serviço de produção integrada, a operação entra no campo amplo da CBS/IBS. Mas o pequeno produtor rural poderá ter tratamento simplificado e a integradora poderá continuar aproveitando o crédito integral. Mas isso tudo irá depender da Regulamentação Infralegal.

“
Não estão
obrigados ao
novo regime da
CBS e IBS, todos
os produtores,
independente
da atividade
agropecuária,
que faturaram
até R\$ 3,6
milhões/ano,
considerado o
faturamento do
ano anterior
”

O doce jeito de conquistar clientes

Com apoio do Senar Goiás, produtor multiplica a produção, reduz perdas e transforma receita simples no destaque da agroindústria

Revana Oliveira | revana@sistemmafaeg.com.br



Doceiro Paulo Corrêa junto com a técnica em agroindústria Simone Leite: hoje a produção dele gira entre 400 e 450 quilos de doce de banana por semana

O doce é suave, macio, daqueles que dão vontade de comer um pote inteiro de uma vez. Paulo Corrêa já era um doceiro de mão cheia, mas a receita do doce de banana sem conservantes, feita com apenas dois ingredientes na medida certa, foi o que fagou de vez a clientela. Simples, artesanal e autêntico, o produto virou marca registrada da Balas Brejal, de Abadiânia, a 90 quilômetros de Goiânia.

Mas o espírito empreendedor começou muito antes. “Desde adolescente eu tinha o sonho de ser empreendedor. Quando era época de frutas, eu pegava caju no Cerrado e vendia na beira da pista, nas rodovias. Quando era época de manga, eu vendia manga. Então sempre tive esse sonho de empreender”.

Ao longo dos anos, Paulo trabalhou em lanchonete, fez curso de pintura, produziu camisetas, quadros e esculturas, deu aulas em Brasília, atuou com artesanato em barro e jardinagem, foi eletricitista, entre outras funções. O sonho de empreender fabricando algo próprio foi retomado quando soube que um colega havia comprado máquinas para fazer balas, mas desistiu do negócio. Ele enxergou ali uma oportunidade e adquiriu o equipamento.

Com orientação da sogra, que já havia trabalhado em uma indústria de doces, começou produzindo balas de coco, torrão e pingo de mel. Porém, o processo era trabalhoso e pouco rentável. Observando o comportamento dos consumidores, decidiu mudar o foco e passou a produzir doces de banana, doce de leite e pé de moleque. Logo percebeu qual produto realmente tinha maior saída. “Eu fazia vários tipos de doce, mas o que deu certo mesmo foi o de banana. Sai rápido, a reposição é muito rápida”.

Mesmo assim, o desafio continuava grande, principalmente pela limitação da produção. “Eu fazia doces de duas caixas de banana o dia inteiro, mexendo tudo na mão. Era muito difícil”.

Com o aumento da demanda e o apoio do concunhado, ele investiu em uma caldeira e em um tacho industrial. “Hoje, com o tacho, conseguimos fazer 12 caixas por vez. Mudou demais a conta”. Atualmente, a produção gira entre 400 e 450 quilos de doce de banana por semana. Paulo também firmou parcerias com outras fábricas: fornece o excedente para quem não produz e, em contrapartida, adquire deles outros tipos de doce, ampliando a variedade de produtos. “Graças a Deus, está muito bom. A produção hoje está muito boa”.

O crescimento, no entanto, revelou um problema silencioso: a falta de controle na produção. “A gestão da produção de doces apresentava desafios significativos. A ausência de controle resultava em desorganização e imprecisão nas medidas. A gramatura dos potes, que deveria ser de 800 gramas, frequentemente passava de um quilo. Eu estava perdendo sem perceber”.

Foi nesse momento que entrou a Assistência Técnica e Gerencial do Senar Goiás. “A consultoria do Senar, por meio da técnica Simone, foi fundamental para reverter essa situação. No início, eu relutei em aceitar a ajuda, mas depois que vi que a assessoria era gratuita, concordei em participar”.

A técnica em agroindústria Simone Leite detalha como encontrou a estrutura. “Quando eu cheguei, a agroindústria tinha basicamente a área de processamento. A outra parte ainda estava em adequação. Trabalhamos a padronização dos produtos e, principalmente, a gestão, porque o Paulo vendia por um determinado peso, mas entregava mais produto do que o previsto. Ele estava perdendo sem perceber”.

Segundo ela, o principal gargalo estava na gestão. “O produtor tinha dificuldade em saber exatamente o que gastava e o que ganhava. A gente estruturou esse

controle, e o resultado foi um crescimento muito significativo”.

Simone também identificou falhas técnicas no processo produtivo. “Encontramos problemas no controle da gramatura e na organização da produção. Ajustamos as medidas, padronizamos os potes e corrigimos desperdícios. Pequenos detalhes estavam comprometendo a rentabilidade”.

Com as orientações, a fábrica passou a trabalhar com padronização, controle de custos e definição correta de pesos e embalagens. “Depois que ela começou a nos ajudar, o trem explodiu. Eu tinha muita perda e não sabia. Ela foi mostrando o caminho, o que podia e o que não podia, e como fazer do jeito certo”.

Hoje, com processos ajustados, produção ampliada e gestão estruturada, a Balas Brejal se consolidou em Abadiânia como exemplo de agroindústria que alia tradição e profissionalismo.

Desde a infância, as frutas ajudaram a fortalecer o sonho empreendedor de Paulo. Hoje, elas adoçam a agroindústria com sabor de sucesso. “Tem hora que eu nem acredito onde a gente chegou. Comecei no fogão a lenha, fazendo pouqui-



Técnica em agroindústria Simone Leite destaca a importância da assistência técnica e gerencial para o sucesso da gestão

Divulgação

nho. Hoje é muito prazeroso ver a produção crescendo desse jeito”.

Produtores interessados em profissionalizar o negócio podem

procurar a assistência técnica e gerencial do Senar Goiás em agroindústria por meio dos Sindicatos Rurais. O atendimento é gratuito.

Juntos

movemos e
alimentamos
o mundo

 **Grupo Cereal**

AgroStartup Summit transforma Goiânia em vitrine da inovação no campo

Imersão com 550 jovens, lançamento do Desafio Agro Startup 2026 e protagonismo das AgTechs consolidam Goiás como polo estratégico do agro 5.0

Alexandra Lacerda | alexandra.lacerda@senar-go.com.br

Goiânia sediou um dos maiores encontros de inovação aplicada ao campo no Centro-Oeste: o AgroStartup Summit, realizado pelo Senar Goiás, por meio do Hub de Inovação Campo Lab, em parceria com o Sebrae Goiás e a Bayer. O evento reuniu cerca de 550 jovens em uma imersão voltada à tecnolo-

gia, empreendedorismo e desenvolvimento de soluções práticas para o agronegócio.

O Summit ocorre em um momento estratégico para o estado, pois segundo o Mapeamento do Ecosistema Goiano de Inovação 2025, o número de startups ativas em Goiás cresceu 29%, saltando de 212 para

273 empresas. Entre os 69 segmentos identificados, as agro techs lideraram a expansão que demonstra o reflexo direto da vocação agropecuária no estado e da busca por aumento de produtividade com redução de riscos.

“Inteligência artificial é a tecnologia mais acessível da história.”. Com



Silvio Simões

essa afirmação o jornalista, escritor e analista de transformação digital, Pedro Doria, hoje uma das vozes mais respeitadas do país quando o assunto é inovação, tecnologia e impacto social das novas ferramentas digitais, falou sobre “Inovação aplicada para reduzir risco, aumentar produtividade e fortalecer o produtor na cadeia”. Colunista de grandes veículos nacionais e estudioso das revoluções tecnológicas contemporâneas, Doria trouxe ao AgroStartup Summit uma leitura estratégica sobre o papel da inteligência artificial na competitividade do agronegócio brasileiro. Com uma abordagem didática e provocativa, ele destacou que a atual revolução tecnológica difere de todas as anteriores por sua simplicidade de acesso. “Nunca houve uma tecnologia simultaneamente tão avançada e tão fácil de usar. Para começar a usar inteligência artificial, basta conversar. Não precisa nem saber escrever, a IA inaugura uma nova lógica de aprendizado e tomada de decisão no campo. A partir da conversa com a inteligência artificial, você tem um mentor, um consultor, um veterinário, um agrônomo, um engenheiro. Basta saber conversar”, pontua o especialista.

Doria também fez questão de ressaltar a posição estratégica do agro brasileiro no cenário internacional. “O agro é o Brasil no seu melhor, é a indústria brasileira que compete no mundo com preço e qualidade. Já provou sua capacidade tecnológica com a mecanização, com a pesquisa da Embrapa, com a gestão profissionalizada. Para manter esse protagonismo, é preciso incorporar inteligência artificial e engajar os jovens nessa transformação. Não há mais motivo para resistência à tecnologia. Inteligência artificial é abrir o celular e começar a conversar. A inteligência artificial é o próximo passo para manter essa liderança”, celebra. A mensagem, durante sua palestra, foi diretamente às centenas de jovens presentes, reforçando que o futuro do agro passa, necessariamente, pela capacidade de integrar experiência de campo com inteligência digital.

Jovens na inovação

A participação da juventude do agro em ambientes de inovação tem



Jornalista, escritor e analista de transformação digital, Pedro Doria afirma que atual revolução tecnológica difere de todas as anteriores por sua simplicidade de acesso

se consolidado como um dos pilares para aproximar o campo das novas tecnologias e ampliar o diálogo com a sociedade. Durante a 10ª edição do Desafio de Startups, jovens lideranças ligadas ao Faeg Jovem destacaram a importância de iniciativas que conectam inovação, conhecimento e o cotidiano das propriedades rurais.

Para Osmar Júnior, integrante do Faeg Jovem em Goiânia, o evento representa uma oportunidade estratégica de aproximar os jovens das transformações tecnológicas que estão moldando o futuro do agronegócio brasileiro. “O evento é muito importante porque traz inovação, tecnologia e conexão para o agronegócio. Hoje estamos falando do maior programa de jovens líderes do agro do Brasil, até mesmo da América Latina. E através dessas iniciativas conseguimos levar informação e mostrar que o campo é tão tecnológico quanto o centro urbano ou até mais”, afirma Osmar.

Segundo ele, um dos desafios da nova geração de lideranças rurais é justamente ampliar a compreensão da sociedade sobre a realidade tecnológica presente nas propriedades rurais. Para ele, muitas pessoas

ainda não conhecem de fato o que acontece da porteira para dentro. “É extremamente necessário levarmos essas informações para quem ainda não conhece o campo. Muitas pessoas não sabem o nível de tecnologia que existe dentro das propriedades rurais e dentro do agronegócio como um todo”, destaca.

Osmar acredita também que essa diversidade fortalece o ambiente de aprendizado e amplia o alcance do conhecimento gerado. “Hoje, no grupo, nós temos não só pessoas do agronegócio, mas também entusiastas, jovens que querem entender melhor como funciona o setor. Eventos como esse, promovidos pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag, junto com o Campo Lab, mostram a grandiosidade do agronegócio e da tecnologia que existe nesse meio. O agronegócio não é só terra, não é só campo, não é só da porteira para dentro, ele vai muito além. O agro expande, ultrapassa fronteiras e barreiras. Ele é força, tecnologia, inovação e conexão”, pontua.

O encontro também reúne jovens que já participam do programa há mais tempo e novos integrantes que estão tendo o primeiro contato



Integrante do Faeg Jovem em Goiânia, Osmar Júnior afirma que o evento permite aproximar os jovens das inovações tecnológicas

com o ecossistema de inovação do agro. Entre os integrantes de Grupos Faeg Jovem, que vieram de diferentes partes do estado, estava Mellini Bastos, de Mineiros, que faz parte do programa há um ano e meio. Seu grupo foi o vencedor do concurso que elegeu os melhores projetos desenvolvidos ao longo de 2025, e Mellini comemorou a possibilidade de participar do evento que, segundo ela, promove a integração entre os jovens no estado. “O Agro Startup agrega muito para nós, que somos do Faeg Jovem, porque querendo ou não ele constrói uma ponte entre nós, que somos os jovens do agro, com os produtores, fazendo com que a gente consiga levar para eles todas as inovações tecnológicas, podendo trazer novas oportunidades de produção e sustentabilidade. Conseguimos convencê-los da importância para produzir muito mais. É uma alegria muito grande porque eu me sinto representada e tenho certeza que todos os jovens que estão aqui se sentem representados e a gente consegue ter esse sentimento”, comemora a jovem.

Protagonismo global

A produtora rural Ana Carolina Zim-

mermann conduziu a palestra “Do Campo ao Mundo”, reforçando a necessidade de posicionar o produtor brasileiro no centro das decisões globais sobre sistemas alimentares. “Precisamos colocar o produtor rural no centro da cadeia internacional. É ele quem garante sustentabilidade dentro da porteira e segurança alimentar no mundo”, reforça. A fala dialoga com a crescente pressão internacional por rastreabilidade, eficiência ambiental e responsabi-

lidade social — áreas em que a tecnologia se torna aliada estratégica.

Entre as 16 startups expositoras estava a RuralZap, vencedora da edição 2025 do Desafio. Sara Cândido Fernandes, que faz parte da equipe da empresa que desenvolveu uma solução de gestão financeira via WhatsApp, utilizando inteligência artificial, comentou da importância da tecnologia facilitada nesse sentido. “Muitos produtores querem organizar suas contas, mas encontram sistemas complexos. Levamos a gestão financeira para uma simples conversa no WhatsApp. A IA registra, categoriza e gera relatórios de receitas e despesas”, conta. A startup recebeu como prêmio R\$ 60 mil para acelerar o projeto e hoje amplia sua atuação, fortalecendo parcerias e ampliando o alcance da tecnologia. “Nossa missão é democratizar o conhecimento e a tecnologia no agro. Estamos falando de agro 5.0, e isso precisa chegar a todos”, diz Sara.

Polo de inovação

O AgroStartup Summit reforça o posicionamento de Goiás como ambiente fértil para a inovação rural. Com forte base produtiva, presença institucional articulada e juventude engajada, o estado avança na consolidação de um ecossistema que integra tecnologia, sustentabilidade e competitividade global. Mais do que um evento, o AgroStartup Summit sinaliza um movimento estruturado preparando uma nova geração para liderar o agro brasileiro em um cenário onde dados, conectividade e inteligência artificial serão tão



Produtora rural Ana Carolina Zimmermann conduziu a palestra “Do Campo ao Mundo”; ela ressalta a necessidade de posicionar o produtor brasileiro no centro das decisões globais



Sara Cândido, integrante da RuralZap, vencedora da edição 2025 do Desafio Agro Startup, participou do evento e compartilhou um pouco da história da startup

Silvio Simões

essenciais quanto solo fértil e clima favorável.

Para o diretor de Inovação do Sistema Faeg/Senar/Ifag, Pedro Camilo, responsável pela realização do evento, o protagonismo juvenil é peça-chave na transformação do campo. “Essas pessoas que estão aqui hoje são agentes de transformação. São elas que vão fazer com que a tecnologia chegue ao produtor rural. Estamos falando de inovar para cuidar: da saúde da planta, do bem-estar animal, da saúde do solo e da saúde humana”, afirmou Pedro.

Ele destacou que a IA surge como ferramenta de democratização tecnológica. “A palavra do dia é dar o primeiro passo, como o produtor pode acessar as tecnologias assim como qualquer pessoa acessa no celular? A



Diretor de Inovação do Sistema Faeg/Senar/Ifag, Pedro Camilo defende que o protagonismo jovem é peça-chave na transformação do campo

Silvio Simões

IA vai equalizar processos e reduzir barreiras”, enfatiza Pedro.

O Desafio Agro Startup também passou por um processo de interiorização: em 2024, foram 114 equipes inscritas; em 2025, 144; e a meta para 2026 é alcançar 240 novas equipes, impactando mais de dois mil jovens em todo o estado. Durante o encontro, foi lançado oficialmente o edital do Desafio Agro Startup 2026, iniciativa que completa dez anos estimulando projetos voltados à melhoria das atividades de produtores e empresas rurais. A proposta envolve qualificação técnica, mentorias, aceleração e premiação de até R\$ 60 mil para os melhores projetos.

Inovação com método

Nos painéis realizados foram apresentados pitches de sucesso de produtores rurais, empresas que desenvolveram soluções para o campo, contando do processo até chegar ao produto final. Uma mescla mostrando que, acima de tudo, acreditar no dinamismo é importante para que tudo isso aconteça. A frente de uma das principais estruturas nacionais de conexão entre startups e produtores rurais, Daniele Leonel que é coordenadora de Inovação do Hub CNA — braço de inovação do Sistema CNA/Senar/Instituto CNA — também esteve no palco durante um Painel conduzido pelo Sebrae Goiás, parceiro do evento. Com atuação estratégica na identificação, validação e escalonamento de tecnologias voltadas ao campo, Daniele trabalha diretamente na construção de pontes entre as demandas reais do produtor e as soluções desenvolvidas por startups e empresas de base tecnológica. Durante o AgroStartup Summit, ela reforçou que a inovação só gera impacto quando nasce da escuta ativa no campo. “Eu costumo dizer que a inovação no agro realmente acontece se a gente colocar o produtor no centro. É olhar para as reais necessidades no campo e, a partir disso, buscar as principais tecnologias e inovações”, comenta Daniele.

Segundo ela, o Hub CNA atua em três frentes estruturantes para garantir que a tecnologia chegue de forma prática e validada às propriedades rurais. “Nós escutamos o produtor, vamos até o campo para identificar os desafios e encontrar



as melhores soluções. É importante que iniciativas como essa disseminem a cultura da inovação e mostrem aos jovens a importância da tecnologia no campo, para que eles levem isso para suas famílias e para suas propriedades. A inovação não é apenas sobre criar soluções, mas sobre garantir que elas sejam aplicáveis, testadas e efetivamente adotadas no dia a dia da produção rural brasileira”, afirma.

Tecnologia com propósito

Fundadora e CEO da AgroSmart, Mariana Vasconcelos é uma das principais referências em agricultura digital no Brasil. Reconhecida internacionalmente por sua atuação em inteligência de dados aplicada à produtividade agrícola, a executiva também é produtora rural e defensora de um modelo de inovação centrado nas pessoas. Sua trajetória une tecnologia, gestão e propósito, uma combinação que marcou sua participação no AgroStartup Summit.

Em uma palestra que equilibrou dados, visão estratégica e sensibilidade humana, Mariana trouxe uma reflexão essencial: a tecnologia só faz sentido quando empodera quem está na ponta. “Eu sempre fui educada na linha de ‘faça para os outros o que você quer para você’. Com a tecnologia não existe opção, precisamos desenhar tecnologias que empoderem as pessoas”, apresentou Mariana.

Ela destacou a influência do Design Thinking, em sua formação, que consistiu no entender o contexto e as

necessidades dos usuários, metodologia que coloca o usuário no centro do desenvolvimento de soluções. “É uma metodologia que ensina a colocar o usuário no centro e desenhar processos e produtos a partir dele. A gente precisa trazer o humano para o centro e empoderar o humano a partir da tecnologia. Eu espero que esses jovens exerçam essa liderança. A sociedade está investindo neles para que entreguem algo de volta. Eles não podem ter medo dessa responsabilidade. Está tudo bem errar, mas é preciso começar”, conta Mariana.

A executiva também trouxe para pauta um tema cada vez mais urgente no ambiente produtivo: saúde mental. Para ela, inovação no campo é desafiadora, mas plenamente possível quando há propósito claro, comunicação e engajamento. “A saúde mental já deveria estar no centro das nossas atenções. Se a gente não está bem, não consegue gerar resultado. Cuidar de nós mesmos é parte de colocar o ser humano no centro. Comunicar onde a gente quer chegar e por que estamos fazendo o que estamos fazendo costuma acelerar os resultados”, enfatiza. A mensagem dialoga diretamente com o momento do agro brasileiro e as ações desenvolvidas este ano pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag, voltadas a tecnologia, com propósito, cuidado e liderança consciente.

Vinda do Nordeste de Goiás, a jovem liderança Mayce Azeredo Barbosa Jardim, coordenadora do Faeg Jovem de Posse, percorreu cerca de 530 quilômetros para participar do evento e buscar conhecimento que possa ser multiplicado entre os produtores rurais de sua região. Para ela, o movimento representa muito mais que participação institucional é uma oportunidade de formação, conexão e transformação no campo.

Segundo ela, a participação em eventos promovidos pelo Sistema Faeg/Senar/Ifag também está ligada a um espírito competitivo e de evolução constante dentro do programa Faeg Jovem, que reúne dezenas de núcleos em todo o estado. “Eu particularmente sou muito competitiva e o Faeg Jovem nos possibilita participar de um concurso entre os núcleos do estado. Para nós é muito importante estar entre os top 50 de Goiás.

Isso mostra que estamos no caminho certo e nos motiva a buscar cada vez mais conhecimento”, afirma Mayce.

Para ela, mais do que disputar posições, o grande valor dessas experiências está na oportunidade de acessar conteúdos e levar informação qualificada aos produtores rurais da região Nordeste do estado uma área marcada pela presença de pequenos produtores. “Na região onde moramos, muitos produtores são muito humildes. Então, para nós, é uma alegria enorme levar a informação que o Senar e o Sistema Faeg nos proporcionam. Esse conhecimento precisa chegar até eles”, ressalta.

Entre os temas que mais chamaram atenção da advogada está a discussão sobre a importância da humanização no campo e da saúde mental do produtor rural, um assunto ainda pouco debatido em muitas comunidades rurais e tema de várias ações em 2026 no sistema. “A primeira palestra falou muito sobre tratar o ser humano. Não adianta querer tecnologia e evolução no campo se não cuidarmos das pessoas. A saúde mental, por exemplo, é algo fundamental para que o produtor esteja bem e consiga desenvolver o seu trabalho no dia a dia. Existe uma certa dificuldade de as pessoas aceitarem falar sobre saúde mental. Muitos produtores nem sabem exatamente o que é. Por isso, o nosso desafio é levar essa informação de forma simples e acessível, aprender algo e depois multiplicar esse conhecimento nas nossas regiões de forma mais clara para os produtores”, pontua a coordenadora.

Ao final do encontro do AgroStartup Summit 2026, realizado por meio do Hub de Inovação Campo Lab, o presidente do Sistema Faeg/Senar, José Mário Schreiner, destacou que o fortalecimento do ecossistema de inovação no agronegócio é resultado de um trabalho construído ao longo de anos e que hoje já apresenta impactos concretos para produtores rurais e para a sociedade. Segundo ele, o caminho até aqui exigiu perseverança e visão de longo prazo, especialmente por se tratar de uma iniciativa pioneira no país.

“Foi muita luta e muita dedicação. Todo início é bastante difícil, mas com resiliência a gente consegue superar os desafios. Hoje, podemos co-



Fundadora e CEO da AgroSmart, Mariana Vasconcelos afirma que a tecnologia só faz sentido se for para 'empoderar quem está na ponta'

Silvio Simões



Presidente do Sistema Faeg/Senar/Ifag, José Mário Schreiner enfatiza que o fortalecimento do ecossistema de inovação no agro é resultado de um trabalho construído ao longo de anos

Silvio Simões

memorar os 10 anos do Agro Startup como um sucesso absoluto, um projeto pioneiro em nível de Brasil, que já gerou várias conquistas e entregas importantes aos produtores rurais e à sociedade”, afirma José Mário.

Para o dirigente, no entanto, a inovação no campo precisa ir além da tecnologia. O avanço dos sistemas produtivos deve caminhar lado a lado com o cuidado com as pessoas, com o ambiente e com a qualidade de vida no meio rural. Na avaliação dele, discutir temas como saúde mental, qualidade de vida e gestão humana no campo passa a ser tão estratégico quanto falar de produtividade e inovação. “Buscar essa integração entre produção, saúde no campo e bem-estar das pessoas é essencial. Esse é o nosso grande desafio daqui para frente: é fundamental cuidar da saúde, do ambiente onde se vive, das pessoas e dos animais. A saúde mental é extremamente importante. Não adianta ter um modelo de produção super avançado se as pessoas não estão bem consigo mesmas”, resume o presidente.

José Mário também ressaltou que um dos grandes desafios para os próximos anos será integrar tecnologia, sustentabilidade e bem-estar humano dentro da produção agropecuária. “Precisamos observar todos esses parâmetros para que tudo funcione de forma integrada. Fazer essa integração é extremamente importante e também um grande desafio para nós”, finaliza Schreiner.

Está embargado ou correndo risco de multa ambiental?

Não espere a situação **piorar**

Entre em contato e regularize sua situação com a **Ágil Ambiental!**

@agilplanejamentos
(62) 9 9844-7900

ágil
OUTORGAS E LICENCIAMENTOS

Pequena no tamanho, grande no potencial de mercado

Criação de codornas abre novas oportunidades de negócios em Goiás, gera renda no campo, se consolida como alternativa produtiva para pequenas propriedades e ganha reforço com capacitação do Senar

Revana Oliveira | revana@sistemaaeg.com.br

Silenciosa, compacta e altamente produtiva, a codorna vem conquistando cada vez mais espaço no agronegócio brasileiro. O que antes era visto como uma atividade complementar, restrita a nichos específicos, hoje pode representar a principal fonte de renda para produtores rurais, especialmente em propriedades familiares.

Dados da Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2025, com base nos resultados de 2024, indicam que o valor da produção de ovos de codorna no Brasil alcançou R\$ 600,5 milhões. O plantel nacional encerrou o período com 15,5 milhões de aves, número que demonstra a consolidação e a

eficiência produtiva do segmento.

A produção segue concentrada em polos altamente especializados. Minas Gerais e Espírito Santo lideram o ranking nacional, seguidos por São Paulo. Esse cenário é impulsionado pela crescente demanda por proteínas acessíveis e pela versatilidade de produtos diferenciados no varejo. O consumo de ovos no país atingiu



Larissa Melo

um patamar histórico em 2024, com a produção total superando 56,9 bilhões de unidades, um recorde que também impulsiona diretamente o crescimento da criação de codornas como alternativa proteica.

O avanço da coturnicultura está relacionado a características que facilitam a entrada de novos criadores. O ciclo produtivo curto, o investimento inicial relativamente baixo e a possibilidade de criação em espaços reduzidos tornam a atividade atraente, principalmente para pequenas propriedades.

Enquanto a galinha pode levar até cinco meses para iniciar a postura, a codorna começa a produzir em pouco mais de um mês. Esse fator acelera o retorno financeiro e favorece maior giro de capital. Além dos ovos, o produtor pode gerar receita com a comercialização de carne, aves para reprodução e também com o aproveitamento dos dejetos como fertilizante.

Outro diferencial está no perfil de consumo. Os ovos de codorna são associados à praticidade e ao valor nutricional, ampliando sua presença em supermercados, bares, restaurantes e na indústria alimentícia.

Apesar das vantagens, a atividade exige manejo técnico e uma rotina disciplinada. As aves necessitam de alimentação adequada, água de qualidade e coleta frequente dos ovos. O controle sanitário também é indispensável, já que falhas na biossegurança podem comprometer todo o plantel.

A comercialização representa outro desafio, especialmente para pe-



Produtores Sterfane Alves e Roberto do Vale investiram na atividade como teste e hoje a coturnicultura virou negócio e renda para a família

quenos produtores, que precisam estruturar canais de venda e logística eficientes. Por isso, a capacitação técnica tem se tornado um dos principais fatores para o sucesso na atividade.

A trajetória dos produtores Sterfane Alves de Oliveira e Roberto do Vale ilustra bem o potencial da coturnicultura. O empreendimento, que começou como um teste no quintal de casa, atualmente sustenta a família e envolve o trabalho do casal e dos filhos na empresa Distribuidora de Ovos Asa Branca (@distribuidora_de_ovos_ab). “Há sete anos, tínhamos uma loja, comprávamos ovos e revendíamos. Meu esposo se interessou pelo ovo de codorna e adquiriu 300 aves para testar, no próprio quintal”, conta Sterfane.

Com o tempo, a experiência se transformou na principal fonte de renda da família. A criação foi adaptada em um antigo galpão de 200 metros quadrados, antes utilizado para o manejo de vacas. A meta agora é alcançar 10 mil aves até final de 2026. “Ele foi se dedicando à produção e nós fomos aprimorando o sistema, até decidirmos encerrar a distribuidora e concentrar nossos esforços na produção de ovos de codorna”, relata.

Hoje, a atividade já opera em escala comercial. “Atualmente estamos com 8 mil aves e produzimos, em média, 10 caixas por dia, o que representa cerca de 6.200 a 6.500 ovos”.

Para Sterfane, o retorno financeiro mais rápido é um dos principais atrativos da atividade. “A rentabilidade é mais rápida. A galinha leva quatro ou cinco meses para iniciar a postura. A codorna, em 35 a 45 dias, já começa a produzir”. Entretanto, ela destaca que a rotina exige dedicação constante. “O desafio é justamente a dedicação. Não é uma criação que se pode deixar de lado. Entramos na granja três ou quatro vezes ao dia”, revela.

Mesmo com anos de experiência, Sterfane ressalta a importância da qualificação técnica. “O curso do Senar foi muito útil. Aprendemos técnicas que desconhecíamos, mesmo após sete anos de atividade. É uma oportunidade valiosa para quem deseja ingressar no ramo”, enfatiza.

Após conhecer a realidade da pro-



Plantel nacional encerrou 2025 com 15,5 milhões de aves, número que demonstra a consolidação e a eficiência produtiva do segmento



Coordenadora técnica do Senar Goiás, Cláudia Castro, junto com a produtora Sterfane Alves, destaca que a coturnicultura é um mercado promissor no País

Divulgação

dutora, a coordenadora técnica do Senar Goiás, Cláudia Castro, reforça o potencial do setor. “Trata-se de um mercado promissor. A codorna tem ciclo rápido, demanda crescente e se adapta bem a propriedades pequenas e médias”.

Segundo ela, a atividade pode se tornar tanto fonte principal quanto complementar de renda. “Nesta propriedade, observamos um exemplo claro de trabalho familiar com oito mil aves, gerando receita diariamente. É uma atividade que ocupa pouco espaço e pode transformar a realidade de muitas pessoas”, afirma.

Larissa Melo



Treinamento inédito

Atento ao crescimento do setor, o Senar Goiás iniciou, em janeiro de 2026, o Treinamento de Criação de Codornas, voltado a produtores e interessados na avicultura alternativa. Com duração de dois dias, a capacitação reúne conteúdos práticos e teóricos que abordam manejo inicial, nutrição, ambiência, biossegurança, sustentabilidade, gestão

econômica e estratégias de comercialização.

Cláudia Castro explica que o curso foi estruturado para atender à demanda crescente no campo. “No treinamento, os participantes aprendem a criar codornas de forma sustentável e eficiente. Abordamos desde o manejo e a alimentação até a comercialização da produção, considerando as oportunidades

desse mercado”.

Ela ressalta ainda que a iniciativa busca ampliar oportunidades no meio rural. “O Senar criou essa capacitação para atender produtores que desejam iniciar ou aperfeiçoar a criação. A coturnicultura tem grande potencial e pode representar renda complementar ou até se tornar a principal atividade da propriedade”, conclui.

Capacitação - Criação de Codornas/Conteúdo

Mercado da coturnicultura — 1 hora

Instalações e ambiência — 1 hora

Biossegurança e controle sanitário — 2 horas

Nutrição e alimentação — 2 horas

Manejo de reprodutores e incubação — 3 horas

Qualidade e comercialização dos ovos e carne de codorna — 2 horas

Manejo de dejetos e sustentabilidade — 2 horas

Viabilidade econômica e gestão da produção — 1 hora

Tecnologia e inovação na coturnicultura — 1 hora

Bem-estar animal e legislação sanitária — 1 hora

★ Como participar

É só procurar um Sindicato Rural para fazer a inscrição. Também é possível acompanhar a agenda pelo site:

<https://sistemafaeg.com.br/senar/cursos-e-treinamentos/criacao-de-codornas>



Aponte o celular para o QR Code e conheça a granja de codornas localizada em Edéia.



Se é
SOJA
é **Bayer**

Soluções *integradas* de manejo



Se é Bayer, é bom.

Saiba mais em
go.bayer.com/soja

Uso de capacete no campo e moradia de funcionários

Faeg esclarece dúvidas de produtores sobre normas de segurança no trabalho rural e regras legais para a cessão de moradia nas propriedades

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

A circulação recente de conteúdos nas redes sociais e em aplicativos de mensagens gerou apreensão entre produtores rurais ao sugerir que teria passado a ser obrigatório o uso de capacete de proteção, semelhante ao da construção civil, em atividades rotineiras no campo, como o pastoreio. Diante da repercussão, a Federação da Agricultura e Pecuária de Goiás (Faeg) esclarece que não houve qualquer alteração nas normas trabalhistas que imponha essa exigência de forma generalizada na atividade rural.

O tema ganhou destaque após a divulgação de uma autuação realizada por um auditor fiscal do trabalho em uma propriedade no Tocantins. O caso isolado acabou sendo interpretado como se representasse uma nova regra válida para todo o país, o que, segundo a entidade, não corresponde à realidade. De acordo com a assessoria jurídica da Federação, permanecem em vigor as normas já existentes sobre segurança e saúde no trabalho rural e sobre Equipamentos de Proteção Individual (EPI), sem qualquer inclusão recente que obrigue o uso de capacete em atividades como o pastoreio.

A assessora jurídica da Faeg, Rosirene Curado, reforça que as regras permanecem as mesmas há mais de duas décadas. “A NR-31 está em vigência desde 2005, então completa agora 21 anos. Não houve nenhuma alteração, nem na NR-31, nem na NR-06, que trate da obrigatoriedade do uso de capacete como EPI na atividade rural”, afirma, referindo-se às duas normas regulamentadoras.

Segundo ela, o uso do capacete de proteção já está previsto na legislação, mas apenas em situações específicas, quando existe risco real de queda de objetos ou impacto sobre a cabeça do trabalhador. Isso pode ocorrer em atividades como trabalhos em silos, construções, reformas e outras operações dentro da propriedade que apresentem esse tipo de risco. Nesses casos, a exigência não é nova e faz parte da análise técnica de perigos realizada no âmbito do Programa de Gerenciamento de Riscos da fazenda.

“O que aconteceu foi um caso isolado no Tocantins nesses 21 anos de vigência da norma. As pessoas estão utilizando essa autuação, que a gente nem sabe qual será o resultado, para gerar alarde. Eu quero crer que esse auto vai ser desqualificado. Se não for no Ministério do Trabalho, provavelmente vai cair na Justiça do Trabalho”, afirma a assessora.



Assessora jurídica da Faeg, Rosirene Curado reforça que as regras relacionadas à NR-31 permanecem as mesmas há mais de duas décadas

Divulgação

fornecidos pelo empregador não integram o salário quando forem indispensáveis à realização do trabalho, ou seja, quando são concedidos “para o trabalho” e não “pelo trabalho”.

A advogada Rosirene Curado explica a diferença de forma didática. “Pelo trabalho é remuneração, ou seja, eu estou te dando aquela casa como forma de pagamento. Já quando é para o trabalho, significa que aquele bem que eu forneço é indispensável para a execução da atividade. Ele funciona como uma ferramenta”, esclarece.

Ela ressalta que esse entendimento já está consolidado na jurisprudência. “A lei existe? Existe. Só que ela é antiga, o TST já sumulou esse entendimento e a jurisprudência dominante segue essa lógica para o trabalho e pelo trabalho. De qualquer forma, é importante que o produtor faça o termo de cessão de uso para evitar problemas”, orienta.

Na prática, quando a moradia é essencial para que o trabalhador desempenhe suas atividades, situação comum em propriedades distantes da zona urbana, ela não deve ser considerada parte do salário. Contudo, sem o contrato formal de cessão de uso e a devida comunicação ao sindicato, o empregador pode ser acionado judicialmente para que o valor correspondente ao imóvel seja incorporado à remuneração, com reflexos em férias, 13º salário, FGTS e demais encargos trabalhistas.

Diante desse cenário, a orientação é preventiva. Manter a documentação organizada, formalizar a cessão de uso da moradia e seguir rigorosamente as normas já existentes são medidas fundamentais. Mais do que temas novos, tratam-se de regras consolidadas que exigem atenção para evitar interpretações equivocadas e possíveis passivos trabalhistas.

Rosirene também esclarece que há confusão entre o capacete de proteção individual previsto em normas de segurança do trabalho e o capacete exigido pela legislação de trânsito. “Se a pessoa realiza o pastoreio utilizando motocicleta, aí sim deve usar capacete, mas isso é uma regra de trânsito, não trabalhista. É diferente de exigir capacete de construção civil para o pastoreio”, explica. Ela reforça que “o capacete será exigido quando o trabalhador estiver em um silo, em uma construção ou em qualquer atividade em que haja risco de queda de objetos. Isso já está previsto. Agora, sair para o pastoreio e ter que usar capacete de construção civil? Não.”

A orientação da entidade é que produtores e trabalhadores busquem apoio técnico especializado para avaliar corretamente os riscos de cada função, evitando decisões baseadas apenas em conteúdos virais e garantindo o cumprimento adequado das normas já estabelecidas.

Precaução com moradia

Outro tema que voltou ao debate diz respeito à moradia fornecida ao trabalhador rural dentro da propriedade. Embora a discussão tenha sido reacendida por vídeos recentes nas redes sociais, trata-se de um assunto já disciplinado há décadas pela legislação.

A Lei nº 5.889/1973, que regulamenta o trabalho rural, estabelece que a moradia concedida ao empregado deve ser formalizada por meio de contrato escrito de cessão de uso, com a assinatura das partes e o encaminhamento de uma via ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Quando essa formalidade não é observada, podem surgir questionamentos judiciais.

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em seu artigo 458, trata do chamado salário in natura, quando bens ou vantagens fornecidos pelo empregador podem integrar a remuneração. No entanto, a Súmula 367 do Tribunal Superior do Trabalho estabelece que habitação, energia elétrica ou veículo



Freepik

Programa AgroBR conecta produtores brasileiros ao mercado internacional

Iniciativa oferece capacitação, consultoria e acesso a feiras para transformar produção rural em oportunidades de exportação

Leo Cunha | leonardo.junior@ifag.org.br

O agronegócio brasileiro já conquistou reconhecimento internacional pela força de sua produção e pela qualidade dos alimentos que chegam a diferentes partes do mundo. Transformar essa qualidade em presença constante no mercado externo, porém, exige planejamento, estratégia e preparo. Foi com esse objetivo que surgiu o AgroBR, programa conduzido pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), em parceria com a ApexBrasil e o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

A iniciativa atua como uma ponte entre o produtor rural e o mercado internacional, organizando o processo de internacionalização e preparando empresas e propriedades para atender às exigências de com-

pradores estrangeiros. O programa busca garantir que produtores e agroindústrias cheguem ao mercado externo com estrutura, organização comercial e competitividade.

Nos últimos anos, o AgroBR vem ampliando suas ferramentas de apoio ao produtor. Em 2025, a versão 3.0 do programa reuniu quase mil inscritos em todo o Brasil. Desse total, 315 participantes já realizam exportações. Os números mostram como orientação técnica e preparo comercial podem se transformar em oportunidades concretas de negócios no exterior.

Em Goiás e no Distrito Federal, esse movimento de internacionalização também ganha força com acompanhamento regional próximo dos produtores. Ao todo, 82 participantes da região já passaram pelo

programa, e 29 deles iniciaram exportações. A atuação local permite um acompanhamento mais alinhado às características do agro regional, conectando produtores às oportunidades do comércio internacional.

Segundo Paulo Farias, proprietário da Log América 5.0, empresa que representa o AgroBR em Goiás e no Distrito Federal, um dos primeiros impactos para quem ingressa no programa é deixar de enfrentar sozinho o desafio de exportar. “A mudança mais imediata é que o produtor deixa de estar sozinho nessa jornada. Antes de entrar no programa, ele tem um produto de qualidade e vontade de exportar, mas não sabe por onde começar. E o mercado internacional não dá segunda chance para quem chega despreparado”.

Antes de participar do AgroBR, mui-



Fredox Carvalho



Delegação brasileira participa de feira internacional destacando produtos do agro nacional

Divulgação / Log América 5.0

tos produtores já possuem produtos de qualidade e interesse em acessar novos mercados, mas encontram dificuldades para compreender as exigências do comércio internacional. Nesse contexto, o programa oferece orientação estruturada para que cada empresa compreenda seu estágio de preparação e saiba quais passos precisa seguir.

Um dos primeiros passos dentro do programa é a realização de um diagnóstico completo do negócio, conhecido como diagnóstico de maturidade exportadora. A partir dessa avaliação, é possível identificar se o produtor está em estágio inicial, intermediário ou avançado no processo de internacionalização. “Quando ele entra no AgroBR, a primeira coisa que fazemos é o diagnóstico 360°, uma avaliação completa de maturidade exportadora. Isso nos mostra exatamente onde ele está e qual caminho precisa percorrer”.

Com base nesse diagnóstico, cada participante passa a integrar uma trilha estruturada de preparação para exportação. O processo pode incluir consultoria especializada, capacitações, orientações sobre adequações necessárias e participação em ações de promoção comercial.

Na prática, o produtor passa a ter acompanhamento técnico e rede de instituições que atuam de forma integrada para ampliar suas oportunidades de acesso ao mercado internacional. Além da consultoria, o

programa também abre portas para missões comerciais e participação em feiras internacionais, onde os produtores podem apresentar seus produtos a compradores estrangeiros. “Não é um curso. É uma trilha com começo, meio e fim, e o fim é a primeira exportação concretizada”, acrescenta.

Apesar do grande potencial do agro brasileiro, o caminho até o mercado internacional envolve desafios importantes. Um dos erros mais comuns entre produtores que desejam exportar é imaginar que vender para outros países significa apenas comercializar o produto por um valor mais alto.

Na prática, o processo envolve uma série de adequações e custos que precisam ser considerados, como certificações, adaptação de embalagens, rotulagem no idioma do país de destino e logística internacional. “O primeiro grande erro é achar que exportar é só vender mais caro. Durante a preparação, muitos produtores percebem custos que nem imaginavam que existiam e que precisam ser previstos para que a operação seja viável”, destaca Farias.

Outro desafio frequente está relacionado ao tempo necessário para consolidar relações comerciais com compradores internacionais. Diferentemente de vendas pontuais, a exportação exige constância, profissionalismo e capacidade de manter padrões de qualidade e fornecimen-

to ao longo do tempo. “Exportação não é uma venda avulsa. É uma construção de relacionamento com o comprador internacional, que exige consistência e dedicação”.

Além disso, pequenos produtores e agroindústrias muitas vezes enfrentam dificuldades para manter presença em feiras internacionais, estabelecer comunicação em outros idiomas e acompanhar as exigências do mercado externo. “Querem exportar, mas manter presença em feiras internacionais todos os anos é difícil sem apoio. É exatamente por isso que o AgroBR existe: para que o produtor não enfrente tudo isso sozinho”, enfatiza Paulo Farias, proprietário da Log América 5.0.

Diversificação e valor agregado

Outro objetivo estratégico do programa é ampliar a diversidade de produtos brasileiros presentes no comércio internacional, incentivando itens com valor agregado e identidade de origem. Entre os segmentos priorizados estão cafés especiais, frutas e derivados, cacau e chocolates, mel e produtos apícolas, castanhas e itens ligados à biodiversidade brasileira. Esses produtos têm grande potencial em mercados internacionais que valorizam qualidade, sustentabilidade e origem. Ao incentivar essa diversificação, o programa contribui para ampliar a presença do Brasil em mercados estratégicos e fortalecer a competitividade do agronegócio nacional.

Água de arroz e os benefícios para as plantas

Revana Oliveira | revana@sistemaefag.com.br



Divulgação



Divulgação

Envie suas dúvidas

A Revista Campo abre espaço para responder dúvidas dos nossos leitores sobre produção, cultivo, criação, ações do Sistema Faeg Senar, entre outros assuntos. Envie suas perguntas para o e-mail: revistacampogoias@gmail.com. Participe!

Ana Cristina Mazola, de Caldazinha, está usando a água retirada após a lavagem do arroz nas samambaias de casa. Ela observou que as plantas estão mais verdes e viçosas.

Dúvida | É possível estender o manejo para a horta? A composição é boa para todas as plantas?

Resposta | A água da lavagem do arroz pode, sim, trazer benefícios para muitas plantas e podemos chamar de biofertilizante caseiro. Mas não é indicada para todas indiscriminadamente. Esse líquido contém pequenas quantidades de nutrientes liberados durante a lavagem, principalmente amido, traços de nitrogênio (N), fósforo (P), potássio (K) e alguns minerais como magnésio. Além disso, há compostos orgânicos que estimulam a atividade de microrganismos benéficos no solo.

O principal “segredo” por trás do efeito não é a planta usufruir (beber) diretamente o arroz, e sim o que isso faz no solo. Pense no amido como um alimento para os seres vivos que vivem no solo (bactérias e fungos benéficos). Quando esses microrganismos têm energia disponível, eles ficam mais ativos e ajudam a transformar matéria orgânica e liberar nutrientes em formas que as raízes conseguem aproveitar melhor. É como se a água de arroz “preparasse o terreno” para os trabalhadores do solo fazerem seu serviço. Com o solo funcionando melhor, a planta consegue montar mais clorofila (o “verde” da folha) e manter o crescimento com aspecto mais firme e saudável, principalmente quando já existe algum adubo ou matéria orgânica disponível no vaso/canteiro por isso a importância de usar adubos juntamente com a água de arroz. Por isso, ela tende a funcionar melhor em plantas que respondem rápido a estímulos de crescimento vegetativo, ou seja, plantas em que a gente “colhe folha” ou valoriza as folhas.

As plantas que mais se beneficiam são samambaias, plantas folhosas (alface, couve, rúcula), ervas como manjericao e hortelã e plantas ornamentais de crescimento vegetativo intenso.

Já as plantas que podem se prejudicar são cactos e suculentas, que preferem solo mais seco e pobre, e o excesso de matéria orgânica pode favorecer fungos; plantas que exigem solo muito bem drenado, pois o acúmulo frequente pode alterar a estrutura do substrato; além de orquídeas, que exigem manejo específico e substrato aerado, e o uso pode provocar fermentação se mal aplicado.

O uso correto na horta deve seguir essas orientações: utilizar somente a água da primeira lavagem, sem sal ou temperos; aplicar no solo, nunca diretamente nas folhas; usar no máximo 1 vez por semana; e não armazenar por mais de 24 horas (pode fermentar).

Se as folhas estão mais verdes e “viçosas”, isso indica boa resposta nutricional e equilíbrio do solo. Porém, se houver odor forte, aparecimento de fungos ou solo muito úmido, é sinal de excesso. A água do arroz, como outros resíduos da cozinha, pode ser complemento natural interessante para suas plantas, mas não substitui adubação equilibrada. O segredo está na frequência e na quantidade da mesma forma que a nossa alimentação.



Resposta enviada pelo instrutor de Jardinagem e Paisagismo do Senar Goiás, Lucas Cunha Gomes

Suco da folha de mamão combate pragas?

Revana Oliveira | revana@sistemafaeg.com.br

O uso de receitas caseiras para controlar pragas em plantas circula bastante entre produtores e também nas redes sociais. Uma das mais comentadas é o uso do suco da folha de mamão, indicado por algumas pessoas como uma solução natural para combater insetos que atacam hortas e plantações. A dúvida é se essa prática realmente funciona e pode substituir outros métodos de controle. Afinal, usar o suco da folha de mamão para combater pragas é mito ou verdade?



Verdade!

(parcial)

As enzimas presentes na folha de mamão, como a papaína, funcionam como “tesouras” microscópicas capazes de quebrar proteínas. Elas ajudam a planta a se defender e podem irritar alguns organismos quando entram em contato direto com eles. A folha e o pecíolo do mamoeiro liberam um “leitinho” (látex) que pode atuar como repelente ou causar desconforto em alguns insetos de corpo mole.

Essa mistura pode atrapalhar algumas pragas quando as atinge diretamente, mas não possui a mesma eficácia e estabilidade de um produto registrado e padronizado. Por isso, a conclusão é que se trata de uma verdade parcial, com ressalvas.

O suco pode ajudar principalmente quando a infestação ainda é leve, no início do ataque. Ele pode funcionar quando o inseto é atingido diretamente, sobretudo em pragas de corpo mais sensível, como pulgões, mosca-branca e alguns ácaros. Na prática, porém, pragas com carapaça mais resistente, que ficam protegidas (dentro de folhas enroladas, sob teias ou no interior da planta) ou infestações mais intensas dificilmente são controladas apenas com essa solução.

É importante ressaltar que, em hortas domésticas, o uso pode até

ajudar, mas geralmente não sustenta o controle sozinho. Além disso, a aplicação dessa solução também pode oferecer riscos, como a queima de folhas (fitotoxicidade). Extratos muito concentrados, aplicados sob sol forte, podem manchar ou queimar folhas, especialmente em plantas mais sensíveis.

Outro ponto de atenção é que o látex da folha de mamão pode irritar a pele e os olhos. Por isso, recomenda-se o uso de luvas e evitar o contato com o rosto durante o preparo ou a aplicação.

Para quem deseja testar a prática com responsabilidade, especialmente em hortas e jardins, a orientação é tratar o procedimento como um experimento controlado. Faça primeiro um teste em poucas folhas e aguarde de 24 a 48 horas antes de pulverizar toda a planta. Prefira aplicar no fim da tarde, quando há menos incidência de sol, o que reduz o risco de queimaduras nas folhas e coincide com o período de maior atividade de alguns insetos.

A aplicação deve ser direcionada ao local onde a praga está presente, principalmente no verso das folhas. Se necessário, a aplicação pode ser repetida, mas deve ser interrompida caso apareçam manchas ou sinais de queima. Também não se recomenda

misturar o extrato com outros produtos (como sabão ou óleo) sem conhecer a compatibilidade, pois o risco de fitotoxicidade aumenta.

Mais eficaz do que o uso do “suco” é adotar um controle de pragas estruturado. No Senar, a recomendação mais segura é o Manejo Integrado de Pragas (MIP), que pode ser comparado a “arrumar a casa” antes de utilizar qualquer produto. Isso inclui inspeção frequente das plantas — especialmente o verso das folhas, pelo menos duas vezes por semana —, remoção manual ou poda de folhas muito atacadas, controle físico (como jatos de água para pulgões, uso de telas ou armadilhas) e, quando necessário, aplicação de produtos registrados com orientação técnica, que possuem dose, alvo e eficácia mais previsíveis.



Divulgação



Resposta enviada pelo instrutor de Jardinagem e Paisagismo do Senar Goiás, Lucas Cunha Gomes



Soja - 05 a 30/01/2026

Janeiro tem soja em queda em Goiás, com início da colheita e alta de 1,53% no março/26 em Chicago

Em janeiro, a soja na CBOT apresentou forte volatilidade. O WASDE de janeiro confirmou safra robusta na América do Sul e estoques confortáveis, pressionando os contratos na primeira quinzena. Na segunda metade do mês, demanda chinesa firme, clima mais seco na Argentina e "recomposição de posições por fundos sustentou recuperação com o março/26 saindo de US\$ 10,46 para US\$ 10,62/bushel, alta de 1,53% no mês.

No Brasil, o início da colheita ampliou a oferta e reforçou a pressão sazonal. Ainda assim, as exportações deram suporte ao mercado: o país embarcou cerca de 1,88 milhão de toneladas em janeiro, volume aproximadamente 75% superior ao registrado em janeiro de 2025, indicando forte avanço anual e boa competitividade externa.

Em Goiás, as cotações recuaram ao longo do mês, com maior pressão no mercado disponível diante do início da colheita e da ampliação da oferta física. O mercado futuro apresentou ajuste mais moderado, indicando que parte da pressão sazonal já estava incorporada na curva.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em janeiro/26.



Tabela 1 - Variação do preço médio da soja em Goiás no mês de janeiro de 2026.

Descrição	Valor 05/01	Valor 30/01	Diferença
Soja Disponível	R\$118,50	R\$106,00	-R\$ 12,50
Soja Balcão	R\$117,11	R\$108,89	-R\$ 8,22
Soja Futuro	R\$111,53	R\$107,00	-R\$ 4,53



A colheita iniciou em ritmo lento em janeiro devido às chuvas persistentes, que também se estenderam ao início de fevereiro, limitando a oferta às indústrias. A expectativa é de aceleração na segunda quinzena do mês de fevereiro.



Milho - 05 a 30/01/2026

Janeiro foi marcado por queda do milho na CBOT, B3 e em Goiás após ajustes de oferta global no WASDE

Em janeiro, o milho na CBOT apresentou movimento predominantemente baixista, com o março/26 acumulando queda de cerca de 2% no mês. O movimento foi mais intenso no dia 12, após o WASDE, quando o contrato recuou de US\$ 4,37 para US\$ 4,28/bu diante do aumento das estimativas de safra e estoques nos EUA. Na segunda metade do mês, exportações norte-americanas firmes e ajustes técnicos sustentaram recuperação parcial, sem reverter as perdas.

No Brasil, o mercado acompanhou parcialmente o cenário externo, mas contou com suporte da demanda interna, especialmente de ração e etanol. As exportações somaram 4,25 milhões de toneladas em janeiro, volume 18% superior ao de janeiro de 2025, reforçando a competitividade brasileira. Ainda assim, o câmbio e a expectativa de avanço da safrinha limitaram altas mais firmes.

Em Goiás, as cotações recuaram no mês, com maior ajuste no mercado futuro. O balcão teve queda moderada, sustentado por oferta ajustada, enquanto o futuro precificou de forma mais intensa a entrada da safrinha 2026. O plantio iniciou de forma lenta, em função do atraso da colheita da soja, reforçando postura mais cautelosa do mercado.

Gráfico 1 - Evolução nos preços dos contratos em janeiro/26



Tabela 1 - Variação do preço médio do milho em Goiás no mês de janeiro de 2026.

Descrição	Valor 05/01	Valor 30/01	Diferença
Milho Balcão (Média Estado)	R\$ 57,79	R\$57,00	- R\$ 0,79
Milho Futuro (Média Estado)	R\$ 51,00	R\$ 49,00	- R\$ 2,00
Rio Verde	R\$ 56,50	R\$ 57,00	R\$ 0,50



Para fevereiro, o mercado permanece atento ao ritmo das exportações norte-americanas, ao clima na Argentina e ao avanço do plantio da safrinha no Brasil, fatores que podem redefinir a dinâmica de oferta e manter a volatilidade elevada.



Oferta ajustada e mercado externo mantêm arroba firme em janeiro

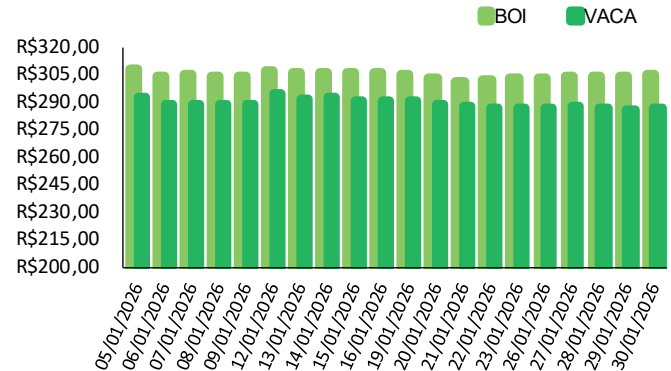
Em janeiro, o mercado físico do boi gordo apresentou firmeza, mesmo em um período sazonalmente marcado por consumo interno mais fraco. O indicador DATAGRO SP/B3 registrou média de R\$ 319,96/@, com valorização de 2,61% no mês. A indústria atuou de forma cautelosa nas compras, mas encontrou resistência dos pecuaristas, sobretudo diante da menor disponibilidade imediata de boiadas prontas. As negociações ocorreram de maneira seletiva, sustentando as referências e limitando movimentos de baixa.

Em Goiás, o mercado acompanhou o cenário nacional, com leve acomodação nos preços. Segundo o IFAG, a média do boi gordo foi de R\$ 304,48/@, recuo de 0,99%, enquanto a vaca gorda encerrou o mês a R\$ 289,07/@, queda de 2,23%. A maior participação de fêmeas na oferta trouxe pressão pontual, especialmente na segunda quinzena. Ainda assim, a oferta restrita de animais terminados e a postura cautelosa dos produtores mantiveram o mercado travado, evitando quedas mais acentuadas.

No mercado externo, o desempenho seguiu positivo. Dados da Secex apontam que o Brasil exportou 231 mil toneladas de carne bovina em janeiro, com crescimento de 28,6% frente ao mesmo período de 2025. O preço médio por tonelada avançou 13,1%, reforçando o papel das exportações como principal fator de sustentação do mercado.

Para os próximos meses, a expectativa é de manutenção da firmeza. A oferta segue ajustada, as escalas tendem a permanecer curtas e o mercado externo deve continuar sustentando as cotações, enquanto o consumo interno pode ganhar fôlego gradualmente.

PREÇO MÉDIO BOI GORDO E VACA GORDA À VISTA EM GOIÁS R\$/@



Fonte: IFAG



Mercado de aves e suínos fecha 2025 com balanço positivo e perspectivas favoráveis

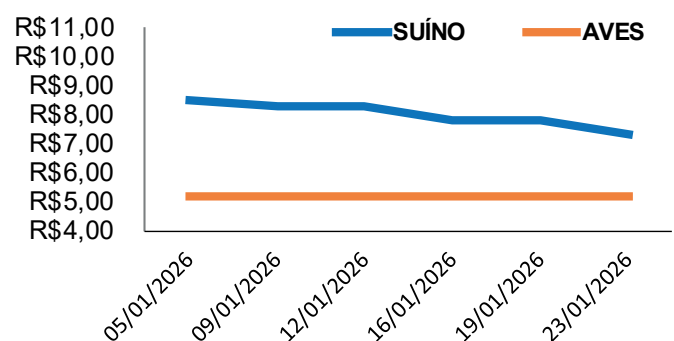
Em janeiro de 2026, o mercado de aves e suínos iniciou o ano sob pressão no mercado interno, reflexo do enfraquecimento sazonal da demanda, mas manteve bom desempenho no comércio exterior. Na avicultura, o frango vivo em Goiás registrou média de R\$5,20/kg, queda de 7,3% frente a dezembro de 2025 e de 5,8% em relação a janeiro do ano anterior.

No campo externo, as exportações brasileiras de carne de frango somaram 459 mil toneladas, avanço de 3,6%, com receita de US\$874,2 milhões(+5,8%). Segundo o Cepea, a competitividade da carne de frango caiu frente à suína, mas aumentou em relação à bovina, movimento associado à desvalorização mais intensa das proteínas avícola e suínica no atacado, típica do início do ano, quando a demanda doméstica tende a ficar mais retraída.

Na suinocultura, o preço médio do suíno em Goiás ficou em R\$7,89/kg, recuo de 6,6% em relação a dezembro. Ainda assim, as exportações apresentaram desempenho robusto, com embarques de 116,3 mil toneladas (+9,7%) e receita de US\$ 270,2 milhões(+13,6%), impulsionadas pela diversificação dos destinos, com forte crescimento das Filipinas e do Japão, que compensaram a queda nas vendas para a China.

Para os próximos meses, as projeções indicam crescimento da produção global no primeiro semestre, com o Brasil mantendo papel de destaque nas exportações, enquanto o mercado interno tende a buscar maior equilíbrio à medida que a demanda se recupera e os ajustes de oferta avançam ao longo do ano.

PREÇO MÉDIO SUÍNO E FRANGO VIVO EM GOIÁS R\$/KG



Fonte: IFAG



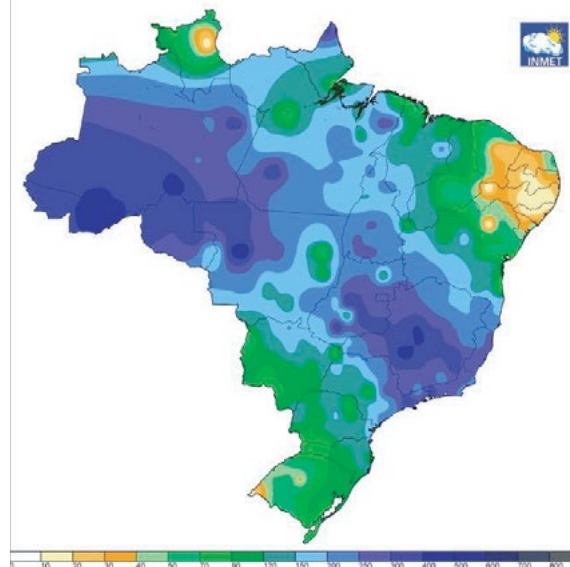
Janeiro chuvoso garante base hídrica sólida em Goiás, mas impõe desafios operacionais no campo

Janeiro foi marcado por instabilidade persistente em Goiás, com atuação de episódios da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS). Os acumulados superaram 150 mm em grande parte do estado, com volumes ainda mais elevados no leste goiano, garantindo reposição hídrica expressiva e armazenamento de água no solo acima de 60%. A maior nebulosidade contribuiu para temperaturas mais moderadas, mantendo o ambiente típico da estação chuvosa ativa.

A disponibilidade contínua de água favoreceu o enchimento de grãos da soja e sustentou o potencial produtivo das lavouras em fase reprodutiva. Contudo, a frequência das chuvas reduziu significativamente as janelas de colheita. O solo saturado dificultou o tráfego de máquinas, retardou operações no Sudoeste e Centro do estado e aumentou o risco de perdas qualitativas, com maior teor de umidade nos grãos e pressão de doenças fúngicas.

Para fevereiro, a tendência indica manutenção da umidade do solo, porém com chuvas mais irregulares, favorecendo abertura gradual de janelas para colheita e avanço do plantio da safrinha. Em março, o regime chuvoso ainda permanece ativo, mas já sob sinal de transição sazonal, exigindo atenção ao calendário da segunda safra.

Figura 1. Precipitação acumulada em janeiro.



Fonte: INMET.



Oferta impactada pelas chuvas provoca oscilações no hortifruti goiano

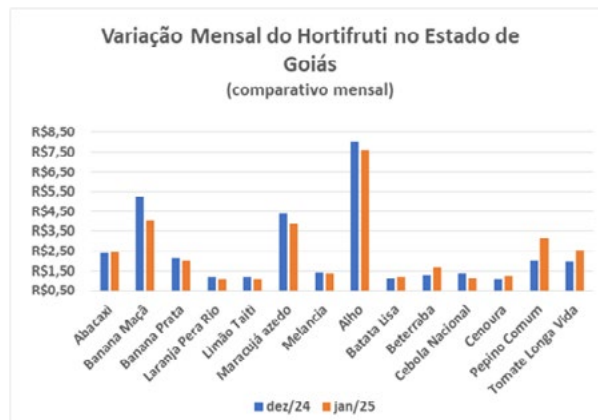
Em janeiro, o mercado de hortifrúti em Goiás foi marcado por oscilações de preços, influenciadas principalmente pelo excesso de chuvas nas regiões produtoras. As precipitações frequentes dificultaram a colheita e reduziram a oferta de alguns produtos, provocando altas pontuais. Ainda assim, não houve um movimento uniforme de valorização, com comportamentos distintos entre as categorias.

Entre as altas, destacaram-se o pepino comum (+57,79%), o tomate longa vida (+28,12%), a beterraba (+26,83%) e a cenoura (+18,49%). No caso da cenoura, as chuvas constantes, afetaram a colheita e limitaram a oferta. O tomate também registrou valorização devido à transição entre a safra de inverno e a de verão, período que normalmente gera instabilidade nos preços. Já a batata lisa teve aumento de 14,16%, reflexo da menor oferta nas lavouras.

Por outro lado, algumas frutas apresentaram recuo. A banana maçã caiu 22,01% e a banana prata 4,79%, influenciadas por demanda mais fraca após as festas de fim de ano e maior concorrência com frutas da estação. Laranja, limão e maracujá também registraram queda.

Para o próximo trimestre, a previsão indica chuvas acima da média e temperaturas elevadas. Esse cenário pode continuar afetando a colheita e mantendo o mercado sensível a variações de oferta, exigindo atenção do produtor quanto ao planejamento e à comercialização.

Gráfico 1 - Variação Mensal do Hortifrúti no Estado de Goiás



Fonte: Ceasa-GO; Elaboração: IFAG

Mingau de Banana da Terra com Polvilho



Chapadão do Céu, 2024

Esther Marinho Gomes Bernardes

Ingredientes

- ✓ 3 unidades de bananas da terra
- ✓ 1 copo de polvilho doce
- ✓ 2 L de leite
- ✓ 1 caixa de leite condensado
- ✓ 1 caixa de creme de leite
- ✓ 4 unidades de cravos da índia
- ✓ 1 pitada sal
- ✓ canela em pó a gosto

Modo de fazer

Em uma panela grande, coloque o leite, os cravos e a pitada de sal. Deixe em fogo alto até levantar fervura, e então abaixe o fogo. Umedeça o polvilho para formar pequenas bolinhas. Raspe as bananas deixando cair os pedaços junto ao leite, mexendo sempre para não grudar no fundo da panela. Deixe cozinhar por 15 minutos e comece a acrescentar o polvilho aos poucos, mexendo sempre. Deixe por mais 10 minutos e desligue o fogo. Acrescente o leite condensado e o creme de leite. Misture bem. Polvilhe canela em pó e sirva quente ou frio.

Rendimento: 10 porções

Tempo de preparo: 30min

“

Sou a sétima filha dos oito filhos que minha saudosa mãezinha teve, no interior do Pará! Minha infância foi marcada por memórias de minha mãe inventando mingaus com o que tinha naquele momento, (...) e não deixava que passássemos fome.

Entre outros, o mingau de banana da terra com polvilho foi o que tive o privilégio de aprender com ela e hoje tenho o prazer de fazer e servir este delicioso mingau para os meus três filhos! (...)





Unguentos e pomadas: saberes antigos que curam até hoje

Miranildes Garcia Teixeira de Carvalho, instrutora do Senar Goiás na área de identificação e processamento caseiro de plantas medicinais e escritora do Livro “Plantas Medicinais – O Ouro do Cerrado”. É, também, técnica em Enfermagem e especialista em cultivo e processamento de plantas medicinais pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

Desde tempos antigos, antes mesmo da existência da indústria farmacêutica moderna, o cuidado com a pele, com feridas e com dores musculares já passava pelas mãos de quem conhecia as propriedades das plantas. Em diferentes culturas, extratos vegetais eram misturados a gorduras naturais, como banha animal, manteiga ou óleos vegetais, para formar preparações espessas capazes de permanecer mais tempo em contato com a pele. Assim surgiram os unguentos e as pomadas, formulações tradicionais que atravessaram gerações e continuam presentes na medicina popular e no universo da produção artesanal.

A principal característica dessas preparações está justamente em sua base gordurosa, responsável por formar uma camada protetora sobre a pele. Diferentemente de soluções líquidas, como as tinturas, os unguentos permanecem por mais tempo no local aplicado, favorecendo a absorção gradual dos princípios ativos das plantas. Essa característica explica por que, historicamente, eles foram muito utilizados para tratar dores musculares, inflamações, problemas de pele, micoses e também na cicatrização de pequenas feridas.

No processo artesanal de produção, a preparação costuma começar com a extração dos compostos das plantas medicinais, que podem ser maceradas em álcool (originando tinturas) ou submetidas à infusão em óleos vegetais. Posteriormente, esse extrato é incorporado a uma base gordurosa — frequentemente composta por cera de abelha, manteigas vegetais ou óleos naturais, até adquirir a consistência ideal de pomada. O resultado é um produto de textura densa, fácil de aplicar e que libera lentamente as propriedades terapêuticas das plantas.

Além de resgatar saberes tradicionais, a produção artesanal de unguentos também tem ganhado espaço entre pessoas que buscam alternativas mais naturais e sustentáveis para o cuidado cotidiano. Pequenos produtores, comunidades rurais e iniciativas de fitoterapia popular têm valorizado esse tipo de preparo, muitas vezes utilizando plantas cultivadas localmente e processos simples, que preservam o conhecimento transmitido entre gerações.

Em um momento em que cresce o interesse por práticas integrativas e pelo uso consciente de recursos naturais, os unguentos artesanais voltam a ocupar lugar de destaque. Mais do que um simples produto de uso tópico, eles representam a conexão entre tradição,

conhecimento popular e o potencial terapêutico das plantas, transformando ingredientes simples em aliados valiosos no cuidado com o corpo.

Indicações

Os benefícios da pomada são semelhantes aos da tintura. A base gordurosa auxilia na melhor fixação do produto sobre a pele, favorecendo a absorção gradual dos princípios ativos. Pode ser utilizada no alívio de dores, no tratamento de micoses ou na cicatrização de pequenas feridas.

Unguento ou Pomada

Materiais

- 45 ml de tintura medicinal (à escolha)
- 100 g de sebo bovino (preferencialmente do rim)
- 10 g de sebo de carneiro
- 5 g de cera de abelha
- 20 ml de óleo vegetal
- 7 ml de essência de hortelã ou de sua preferência

Processo de produção:

Derreta a cera de abelha em banho-maria. Em seguida, acrescente o sebo bovino e o sebo de carneiro. Depois que tudo estiver completamente derretido, retire a panela do fogo. Adicione o óleo vegetal para que a base adquira consistência pastosa ao endurecer. Exemplos de óleos vegetais: gergelim, girassol, coco, amêndoa, entre outros. Acrescente a essência e misture delicadamente.

Meça o preparado e adicione a tintura escolhida na proporção de 1/3 (um terço). Por exemplo: para cada 150 ml de gordura, utilizar 50 ml de tintura. A tintura deve ser adicionada bem devagar, misturando aos poucos até completa homogeneização.

Caso sejam observadas bolhas sobre a gordura, isso indica que a tintura não se misturou completamente. Nesse caso, transfira o preparado de uma panela para outra, lentamente e repetidas vezes, até obter uma mistura homogênea. É importante que todos os ingredientes estejam completamente misturados antes que o preparado se torne sólido. Coloque o produto em recipientes com tampa e identifique com rótulo.

Validade: 6 meses.

Rendimento: aproximadamente 6 unidades de 30 g.

Você cuida do campo todos os dias. *Cuide de você também.*

3 novos cursos gratuitos e online para cultivar sua saúde e bem-estar:

Educação Postural no Campo

Cuide da postura para evitar dores e riscos no trabalho

Prevenção de Diabetes e Hipertensão

Adote cuidados que ajudam a manter a saúde em dia

Doenças Transmissíveis

Conhecimento que protege você e quem está ao seu redor

Matricule-se agora



EAD.SENARGO.ORG.BR

Seminário Regional

PLANEJAMENTO TRIBUTÁRIO, IMPOSTO DE RENDA RURAL E LIVRO CAIXA



Inhumas

17/03/2026 - 8h às 17h

Goianésia

18/03/2026 - 8h às 17h

Itapuranga

19/03/2026 - 8h às 17h